

CONGRESSO REGIONAL DE MISSÕES

MISSÕES:
OBEDECENDO A
VISSÃ
CELESTIAL




semadema
Sec. de Missões das Assembleias de Deus no Maranhão

O DIA-A-DIA DO EVENTO



Hospedagem

Os participantes deverão se dirigir ao responsável da Comissão de Hospedagem, que dará as orientações necessárias.



Autodisciplina

Seja rigorosamente pontual e, etc...



Achados e perdidos

No caso do participante perder ou achar qualquer objeto, dirija-se à equipe organizadora.



Crachá

Use sempre o crachá para fins de identificação. Em caso de perda procure a equipe de organização.



SECRETARIA DE MISSÕES DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO MARANHÃO
Orgão da CEADEMA – CNPJ – 075108780001-16 Av Santos Dumont, 20, B – São Cristovão – Cep.65045-970 / São Luis – MA – BRASIL – semadema10@gmail.com

DIRETORIA ▼

SEMADEMA

SECRETÁRIO EXECUTIVO:

SECRETÁRIO ADMINISTRATIVO:

TESOURARIA:

PR. FRANCISCO DE ASSIS GONÇALVES DE ARAÚJO

PR. MATEUS SILVA JUCAR

PR. JOSE AGNALDO SANTOS

CONSELHO DE MISSÕES

PR. JOSE RIBAMAR FEITOSA

PR. RAYFRAN BATISTA DA SILVA

PR. JOAS ALBUQUERQUE SANTOS

PR. OGENIAS ALVES DA SILVA

PR. WALBERTO MAGALHÃES SALES

PR. ANDERSON CAVALCANTE

PR. REGINALDO RIBEIRO

PR. DOUGLAS BRAYNER

PR. RAIMUNDO NONATO SALES

PR. RAIMUNDO SALES

PR. FRANCISCO CARNEIRO

MISSIONÁRIOS DE BASE:

MICHEL MILESY

JEDIAEL SOUSA

NATANAEL P SANTOS

KARTGEANE MARINHO



Diagramação Michel Milesy

Sejam bem-vindos ao Congresso Regional de Missões da Assembleia de Deus

A SEMADEMA, Secretaria de Missões das Assembleias de Deus no Maranhão, órgão oficial da CEADEMA, Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Maranhão, em parceria com a AD em: Alto Alegre do Maranhão, Raposa e Matinha, sentem-se profundamente honradas em promover os Congressos Regionais de Missões das Assembleias de Deus no Maranhão. Esses congressos têm como proposta congregar missionários, vocacionados, promotores de missões, líderes e público em geral para um verdadeiro encontro missionário, onde estaremos, com o favor de Deus, renovando nossos sentimentos, vocação, fé e nos aperfeiçoando para o cumprimento da mais importante e nobre missão dada por Deus ao homem – ganhar vidas para o Senhor Jesus Cristo!

Creamos verdadeiramente que o amor pela obra missionária alcançará nossos corações através do tema e subtemas a serem abordados e que nossos preletores, todos com ampla atuação no campo das missões, serão canais de Deus através dos quais fluirá sua graça, poder e direção para nossas vidas e que estes congressos serão um marco na vida espiritual dos participantes.

Que todos se sintam abraçados, recebidos e recepcionados e que o calor da presença de Deus seja sensível de forma especial desde sua chegada aos congressos regionais de missões até seu retorno para casa. É com esta confiança e esperança que recebemos todos os congressistas de braços abertos para darmos continuidade ao calendário de eventos de nossa Magna CEADEMA e à agenda de atividades missionárias deste ano.

Que o Deus da vida produza em nós os mais excelentes sentimentos e nos faça mais sensíveis ao ide de Cristo e ao clamor do mundo.

Sejam todos muito bem-vindos aos Congressos Regionais de Missões da SEMADEMA!

Em Cristo.

Pr. Francisco de Assis Gonçalves de Araújo
Secretário Executivo da SEMADEMA

Anotações

4

Indice

A IMPORTÂNCIA DO DISCIPULADO NO CUMPRIMENTO DA VISÃO CELESTIAL
(AT 20.20-24,27;2 TM 2.2).....07
PR RAYFRAN BATISTA

TEOLOGIA BÍBLICA DE MISSÕES E A IGREJA PERSEGUIDA NO MUNDO.....11
PR ÉDER TOLEDO

A PERSEGUÍÇÃO AO CRISTIANISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....19
PR ÉDER TOLEDO

VENCENDO OS IMPEDIMENTOS À OBEDIÊNCIA À VISÃO CELESTIAL21
PR. ELIAS E RUTH SANTOS

ENTENDENDO A VISÃO CELESTIAL (ATOS 26:16-19).....25
MISS. DIONE ROCHA

A IMPORTÂNCIA DA OBEDIÊNCIA AO CHAMADO MISSIONÁRIO (AT 26:19).....31
PR. JOÃO ARAÚJO

A VISÃO DOS CAMPOS BRANCOS DA JANELA 10/14.....33
MISS. SUELY LIMA CHAVES

DA VISÃO À AÇÃO: MODELOS BÍBLICOS DE ESTRATÉGIAS MISSIONÁRIAS.....37
PR. ANDERSON CAVALCANTE

OS LABORES PARA O CUMPRIMENTO DA VISÃO CELESTIA.....45
PR. OSIEL GOMES

Anotações

A IMPORTÂNCIA DO DISCIPULADO NO CUMPRIMENTO DA VISÃO CELESTIAL (AT 20.20-24,27;2 TM 2.2).

Pr. Rayfran Batista

7

I- A liderança da igreja contemporânea precisa tomar a decisão firme de discipular porque o discipulado é o coração da igreja:

1.1. Após sua ressurreição, Jesus entregou a grande comissão aos seus apóstolos que ele mesmo treinou para darem continuidade à obra de redenção em toda a terra (Mt 28.19,20).

1.2. A liderança da igreja é responsável diante de Deus pela instrução do povo (Ef 4.11-14), inclusive quanto ao treinamento de discipuladores para atender a grande demanda do discipulado na prática.

1.3. Em nossos dias existe uma enorme e urgente necessidade de incentivo, orientação e treinamento de discipuladores na igreja em todas as faixas etárias e públicos da igreja:

- Crianças
- Adolescentes
- Jovens
- Casais
- Novos na fé
- Terceira idade
- estudantes secundaristas
- Estudantes universitários
- Casas de recuperação
- Centros de ressocialização.

II- A liderança discipuladora precisa ter a visão daqueles que poderão ser treinados para se tornarem colunas no discipulado e treinadores de novos discipuladores:

- 2.1.** O pastor, os dirigentes de congregação e os missionários da igreja;
- 2.2.** Os diáconos da igreja;
- 2.3.** Os auxiliares e cooperadores da igreja;
- 2.4.** Os adolescentes e os jovens;
- 2.5.** Os professores da Escola Bíblica Dominical;
- 2.6.** O círculo de oração;
- 2.7.** Os novos decididos que estão atualmente integrados e sendo discipulados.

III- A liderança discipuladora consegue ver os inúmeros benefícios imediatos da implantação e a prática do discipulado na igreja local:

- 3.1.** Acolhimento dos novos na fé;
- 3.2.** Integração e acompanhamento de perto para os novos na fé;
- 3.3.** Crescimento qualitativo e quantitativo dos novos na fé;
- 3.4.** Oferece mais qualidade ao pastoreio da igreja, porque assim, a carga de tarefas do pastor, é descentralizada;
- 3.5.** Desse modo, os membros do cor-

po de Cristo, são mais bem preparados para o desempenho de seu serviço (Ef 4.11-16);

3.6.Há uma maior valorização das pessoas como indivíduos e não apenas como mais um na multidão;

3.7.Há um maior comprometimento com a oração, a evangelização e o cuidado com as pessoas.

8

IV- A liderança decide quais os modelos de discipulado podem ser aplicados e desenvolvidos na igreja local:

4.1. Discipulado de novos na fé no modelo tradicional da Escola Bíblica Dominical;

4.2. Discipulado de novos na fé com classes dinâmicas na EBD (no máximo 10 alunos cada classe);

4.3. Discipulado de novos na fé utilizando-se o método de duplas de discipulado, (cada dupla utilizando uma lição do discipulado inicial: 13 lições).

4.4. Discipulado de novos na fé no modelo UM a UM;

4.5. Discipulado de novos na fé no modelo de pequenos grupos;

4.6. Discipulado de novos na fé no modelo de “ADOTE UM FILHO NA FÉ”;

4.7. Discipulado de novos na fé no modelo ‘discipulado permanente no templo e de casa em casa’ (At 5.42).

V- A liderança contemporânea precisa seguir o exemplo da liderança discipuladora de Atos dos apóstolos

5.1.A centralidade da pregação e do ensino da Palavra de Deus é a primeira lição que aprendemos em Atos dos Apóstolos. Na gigantesca tarefa de expandir a fé cristã com as boas-novas da salvação em Cristo, a igreja começa em Jerusalém e vai até Roma e muito mais além, At 5.42; 8.1-4; 11.19-26.

5.2.Onde quer que a Palavra era proclamada e ensinada com zelo, aconteciam coisas novas, sinais, prodígios. Vidas eram transformadas para a glória de Deus. A igreja é ainda o lugar onde Deus age de forma sobrenatural e realiza coisas que só Ele pode fazer. Precisamos continuar crendo que a pregação legítima da Palavra de Deus e o discipulado eficaz ainda preparam o terreno para o agir do Deus Todo-Poderoso. Nossa parte é cumprir a ordem do Rei dos reis, e quanto aos resultados, estes pertencem somente a Ele.

5.3.Como aconteceram nos primeiros séculos da Era Cristã, as resistências e perseguições ainda continuam, mesmo que em diferentes aspectos. No entanto, a coragem e a ousadia da igreja têm que ser ainda maiores.

5.4.Uma das grandes lições mais evidentes em Atos dos Apóstolos é a total dependência do Espírito Santo para as ações evangelísticas e disciplinares, quer espontâneas, quer planejadas intencionalmente.

VI -A liderança discipuladora precisa tomar decisões sábias e desenvolver atitudes que possam produzir ...frutos, ...muitos frutos e ...mais frutos ainda (João 15.1-16).

6.1.Planejamento, visão, compromisso e estratégias são vitais. Ajude seu líder, pastor, dirigente a planejar e implantar um processo de discipular em sua igreja.

6.2.A dedicação ao discipulado vai garantir a permanência dos resultados que comumente a igreja empreende na evangelização. Você deseja ver a sua congregação crescendo de forma equilibrada? Então tome hoje mesmo a decisão de tornar-se um discipulador em sua igreja. E, se necessitar, busque ajuda daqueles que há mais tempo estão envolvidos neste ministério e têm obtido êxito.

6.3.Não esqueça que Deus está pronto a usar aqueles que vivem de acordo com a sua Palavra revelada nas Escritu-

ras e colocam-se à sua disposição, como Isaías: “*Eis-me aqui, envia-me a mim.*”

6.4.Você pode imitar o exemplo de Barnabé que, por sua dedicação e amor ao ministério do discipulado, tornou-se o maior discipulador do Novo Testamento. Ele foi o instrumento de Deus para discipular o temido Saulo de Tarso, que depois de ter sido discipulado, tornou-se um grande mestre, ganhador de almas, plantador de igrejas e o maior dos apóstolos.

6.5.Nunca se deve esquecer que a dedicação no ministério do evangelização e discipulado vai gerar crescimento, mas o crescimento da igreja deve ser integral e integrado. Não basta crescer em número, é preciso crescer na graça, no conhecimento e na capacidade de servir.

6.6.Não há crescimento equilibrado na igreja sem muito trabalho de semeadura, oração e discipulado eficaz.

6.7.Se Deus lhe deu a visão comece agora, ainda que com poucos. O crescimento virá como resultado da semeadura, do cultivo, da colheita e também da conservação dos frutos (1 Co 3.5-9).

Aplicação pessoal

Qualquer igreja que deseja crescer de forma equilibrada, precisa seguir os exemplos que Lucas apresenta no livro de Atos dos Apóstolos. Depois do Livro de Atos, podemos também seguir o exemplo de dedicação de muitos missionários pioneiros deixados na história da igreja e ainda, um bom número de ações que diversas igrejas atualmente estão praticando e que poderão servir como modelo de dedicação, organização, frutificação e multiplicação de discípulos no reino de Deus.

Deus quer que sejamos seus instrumentos para resgatar milhões de almas das mãos do princípio deste mundo, por isso, Ele nos convoca a ser discípulos

seus, para que possamos fazer outros discípulos. O Senhor Jesus quer que nos multipliquemos, que demos muito fruto e que esse fruto permaneça. Deus nos assegura que o Seu poder está à nossa disposição, pois Ele é o Deus Todo-Poderoso. Ele nos envia a fazer discípulos para o Seu reino em todas as etnias da terra. A missão é árdua, mas não precisamos temer, pois Ele está conosco na realização desta grande obra: a salvação de milhões de vidas humanas por quem Jesus morreu e ressuscitou!

NOTA BIBLIOGRÁFICA:

SILVA, Rayfran Batista da. **O discipulado Eficaz e o Crescimento da Igreja.** Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2019, 135 p.

SILVA, Rayfran Batista da. **Manual básico de Evangelização e Discipulado.** Arari, MA: editora Kerix, 2022, 170 p.

SILVA, Rayfran Batista da. **O desafio das Missões Urbanas.** São Paulo, SP: editora Querigma, 2022, 100 p.

RAYFRAN BATISTA DA SILVA

Pastor titular da Assembleia de Deus em Santa Inês, MA. 1º Vice-presidente da CEADEMA - Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Estado do Maranhão. Diretor do IBPE - Instituto Bíblico Pastor Estevam Ângelo de Souza. Pregador, Professor de várias disciplinas bíblicas e teológicas. Bacharel em Teologia pelo Seminário teológico da Assembleia de Deus em Belém-PA e pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil - FACETEN. Pós-graduado em Teologia pela EST - Escola Superior de Teologia (RS). Mestre em Teologia pela FAETEL (SP). Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade LUSÓFONA (Portugal). Graduado em Filosofia, Letras e História. Autor de 22 livros nas áreas de Bíblia, Teologia, Missões e História Eclesiástica. Casado com a Missionária Iranilde dos Santos da Silva. O casal tem três filhas: Ana Rebeca, Ana Karoline e Ana Beatriz. Além do pastoreio da igreja, o autor desenvolve também projetos e trabalhos de treinamento nas áreas de missões, ação social, liderança e educação teológica. Contatos: e-mail: rayfranbatista@gmail.com rayfranbatista

Anotações

TEOLOGIA BÍBLICA DE MISSÕES E A IGREJA PERSEGUIDA NO MUNDO

Pr. Éder Toledo

11

Introdução

COMO A IGREJA CRESCEU

Seria uma falta irreparável para o nosso conhecimento de como começou o movimento cristão, se não tivéssemos o livro de Atos.

Poderíamos encontrar nas epistolas algumas informações históricas, mas não seriam suficientes para esclarecer todas as coisas. Ao escrever o Livro de Atos, Lucas prestou inestimável serviço a igreja crista e ao mundo.

Procuraremos neste compêndio explicar os fundamentos da multiplicação da igreja primitiva que serve impreterivelmente como nossa fonte de inspiração. Teremos uma noção de como a Igreja cresceu. Veremos, mais uma vez, como o Espírito Santo foi a fonte de poder que esclareceu o entendimento dos apóstolos e de outros líderes, levando-os a compreender a universalidade do evangelho de Cristo e, consequentemente, impulsionando-os a leva-lo a todo o mundo. Assim foi o evangelho pregado em Jerusalém, onde o preconceito e o lealismo dos judeus constituíam sério obstáculo; em Filipos, primeiro marco da evangelização da Europa; em Corinto, envilecida pelo vício e saturada de licenciosidade; em Atenas que, com a sua filosofia cética, desdenhou da ressurreição; em Éfeso, onde a deusa Diana tinha o seu trono na suntuosidade de majestoso templo; em Roma, onde o poder dos Césares era considerado Supremo. Estudando-o com atenção, concluirímos que o livro de Atos é, de fato, como alguns o chamam, «O Evangelho do Espírito Santo». Qualquer estudo no livro de Atos tem implicações missionárias. Mas não podemos transformar o mun-

do, controlado por forças cada vez maiores, apenas com uma forma de crer. O que o mundo necessita é uma geração de cristãos revestidos do poder do Espírito Santo, que testemunhem de nosso Senhor Jesus Cristo, como lemos em Atos dos Apóstolos.

Capítulo 1

AS BASES PARA A MULTIPLICAÇÃO

O PODER PARA MULTIPLICAR

Antes de determinar que os discípulos pregassem o evangelho de Jerusalém aos confins da terra, Jesus lhes disse que receberiam poder, ao descer sobre eles o Espírito Santo. A igreja, sem o Espírito, seria como um fio metálico por onde devia passar a corrente elétrica, mas desligado dela; com o Espírito, é como esse mesmo fio em contato com a fonte de energia. Tão impressionante é a operação do Espírito Santo, que o próprio Jesus não permitiu que os seus discípulos começassem a obra de evangelização antes de serem revestidos do poder necessário. Sem esse poder, a igreja não teria condições de proclamar, com autoridade, a mensagem de Deus. O dia de Pentecostes iniciaria nova era na história do mundo. Cumprir-se-iam a esperança dos discípulos, a promessa de Jesus e a profecia de Joel. Seria o apogeu das promessas espirituais que haviam operado por alguns dias no coração dos discípulos, por três anos nos ensinos de Jesus, e por séculos na inspiração e mensagem dos profetas.

A CONCESSÃO DO PODER (Atos 2.14)

Depois da ressurreição, Jesus recomendou aos discípulos a permanência em Jerusalém até que do alto fossem revestidos de poder (Luc. 24:29; Atos 1:8). Isto significa que eles não estavam preparados para a obra da pregação. Não possuíam a dinâmica que só a plenitude do Espírito lhes infundiria. E o Espírito não poderia vir enquanto Jesus não fosse glorificado. O Pentecostes devia seguir-se ao Calvário e à ressurreição. A habilitação para pregar o evangelho só seria efetuada a redenção pelo sacrifício de Cristo, veio do céu o poder para anunciar-lo. O Pentecostes seria o começo de uma nova relação dos homens com Deus.

Atendendo à recomendação de Jesus, os discípulos permaneceram em oração, aguardando o cumprimento da promessa. Estavam reunidos. Em perfeita ordem. É interessante observarmos a postura deles no culto: «Estavam sentados» (v. 2). Não estavam clamando para que Deus os enchesse. Tudo aconteceu de maneira normal.

Alguns fenômenos acompanharam a descida do Espírito Santo: «um ruido, como que de um vento impetuoso» (v. 2), foi o sinal audível que atraiu a multidão para a casa onde os discípulos estavam reunidos (2:6): «línguas como que de fogo» (v. 3), foram o sinal visível que deixou a multidão confusa, porque via alguma coisa jamais vista. Não havia como negar as evidências do sobrenatural naqueles acontecimentos.

Não se fala que houvesse movimento de ar, mas o ruido assemelhava-se ao de um vento forte; o fogo que se distribuía sobre as cabeças dos discípulos não queimava os cabelos de nenhum deles. O vento e o fogo não produziam efeitos físicos porque aquele fenômeno não procedia do mundo natural, passava-se na esfera espiritual. O vento e o fogo são os agentes mais poderosos e devastadores da natureza. Deus os usava naquele momento para simbolizar o poder do Espírito, que habilitaria os discípulos a dar testemunho de Jesus e de sua graça redentora. Outro sinal que deixou ainda mais confusa a multidão foi o fato de aqueles homens falarem e serem entendidos em várias línguas (2:8-12). «Começaram a falar em outras línguas» (v. 4), e «cada

um os ouvia falar na sua própria língua» (2:6). Era o inverso do que havia ocorrido quando da construção da torre de Babel, conforme o registro de Gênesis 11, em que houve a confusão das línguas. No Pentecostes, ouviam-se em muitas línguas como se todos falassem uma só. E o testemunho da multidão foi: «Ouvimo-los em nossas línguas, falar das grandes de Deus» (2:11).

O PODER PARA MULTIPLICAR (Atos 2.14-21)

Depois de dez dias de expectativa, cumpriu-se a promessa com a descida do Espírito Santo. Todos estavam felizes porque sentiam a presença do Espírito Santo em seus corações, e se sentiam impulsionados a testemunhar, Cretenses, árabes e muitos outros ouviam a mensagem do evangelho em sua própria língua. Alguns se mostravam surpresos, enquanto outros simplesmente ridicularizavam, dizendo que os discípulos estavam embriagados. Pedro tomou a iniciativa para explicar o que estava acontecendo. Já não era o velho Pedro, pois havia sido renovado pelo poder do Espírito Santo. Agora ele pregará a todos as verdades de Jesus Cristo. A pregação foi simples e poderosa. Seus resultados o atestam. Poder espiritual, é o de que carecemos para o testemunho, isto foi prometido e cumprido. Não, porém, para exibicionismo. O poder do Espírito é dado para a obra de Deus. Todas as atividades devem ser consideradas como oportunidades para testemunhar. As maneiras de testemunhar são tão diversas como o brilho das estrelas ou como a cor e a forma das flores. Há testemunhos especiais, para fatos especiais, que devem ser dados em determinado lugar e em ocasião especial. Mas em todos os lugares e em todo o tempo a vida toda testemunha silenciosamente. O testemunho do crente, como «carta viva», é inteligível em todas as línguas e compreensível a todas as mentes.

Quando o poder do Espírito Santo é a força que impulsiona os crentes, repete-se a experiência da igreja primitiva. Ela testemunhava corajosamente, sem se importar com a opinião do mundo. Sempre houve resis-

tência à pregação. Modernamente, se dispomos de meios mais eficazes para maior propagação da mensagem do evangelho, também enfrentamos novas formas de oposição. Muitos são os fatores que desviam o homem de Deus, e consequentemente, dificultam a obra da testemunhar. O evangelho que pregamos é o mesmo que foi pregado na era apostólica. O Espírito Santo nos reveste do mesmo poder para que, atualmente, sejamos fiéis testemunhas de Jesus. Se nos submetermos a orientação divina, procurando humildemente santificar as nossas vidas, possibilitamos o Espírito Santo, que habita em nossos corações pela fé em Jesus Cristo, utilizar-se de nós na grande obra do crescimento da igreja de Deus no mundo - a maior e mais nobre de todas as causas.

EXEMPLO DA IGREJA PRIMITIVA MULTIPLICANDO

Um dos ensinos realçados por nosso Senhor Jesus Cristo foi que se amassem mutuamente, com verdadeiro amor, aqueles que nele cressem (Joao 13:34; 15:12, 17). A igreja, ainda em sua aurora, demonstrou clara compreensão desse amor. Impulsionada pelo poder do Espírito Santo, tornou-se exemplo na prática de um amor que se expressou pela compreensão perfeita de seus membros. Os que criam e se batizavam formaram, naqueles dias, uma comunidade unida pelos laços do amor fraternal. As passagens que estamos estudando, ajudam-nos a considerar a nossa igreja como uma comunidade de redimidos. Esta é uma lição oportuna porque, com o crescimento das igrejas, contentamo-nos com organizações de beneficência. Damos dinheiro pra uma obra em que, muitas vezes, o coração não toma parte. Na comunhão de sentimentos há o elemento pessoal, que dá sentido à expressão de amor, tal como havia no coração de Cristo.

MULTIPLICAÇÃO, ESPIRITUALIDADE E FRATERNIDADE ((Atos 2. 41-47)

O grande sermão de Pedro no dia de Pentecostes foi de efeito poderoso. Cerca de três mil pessoas se converteram. Nunca se vira coisa igual. Jesus havia dito que os discí-

pulos, após a sua Ascenção, fariam obras maiores do que as que ele havia feito. A aceitação da mensagem de Pedro expressou-se externamente pelo batismo. Os que criam, perseveravam em quatro coisas:

- 1) «Na doutrina dos apóstolos», que era a doutrina que Cristo lhes havia ensinado.
- 2) «Na comunhão», que nos leva a considerar que os que criam e se batizavam, formavam uma comunidade unida pelo amor fraternal.
- 3) «No partilhar do pão», lembrando a morte do Senhor, que se mantinha viva na mente dos crentes.
- 4) «Nas orações», o que explica a intensidade da fé que tinham, a resistência à perseguição e o entusiasmo com que anunciavam o evangelho.

Os «prodígios e sinais» não eram feitos por todos os crentes; «eram feitos pelos apóstolos», como um sinal do seu apostolado (v. 43).

É dever do crente estar unido pelo amor fraternal aos demais membros da igreja a que pertence (v. 44). União e amor sempre caracterizaram o cristianismo genuíno. As formas de expressão podem diferir. Isto aconteceu até mesmo na igreja primitiva, pois não se tem notícia de que houvesse comunhão de bens fora de Jerusalém.

Há quem pense que se tenha formado uma sociedade comunista na igreja de Jerusalém. O que houve foi notável senso de mordomia (v. 45).

De um momento para outro a igreja se viu às voltas com um problema de crescimento. Milhares de novos convertidos a ela se agregavam.

Muitos deles eram mesmo de Jerusalém e imediações. Não seriam mais recebidos em seus lares. Outros muitos eram peregrinos que precisavam permanecer um pouco mais em Jerusalém, em contato com os apóstolos e necessitavam de sustento. Alguns crentes vendiam suas propriedades e repartiam o dinheiro para que não houvesse necessitados entre eles.

A igreja primitiva realizava cultos públicos “todos os dias” com isto havia crescimentos rápido. A propagação do evangelho atraia o povo, e as conversões se multiplicavam.

Capítulo 2**DEUS USA HOMENS PARA A MULTIPLICAÇÃO.****COMO UM HOMEM PODE IMPACTAR UMA VISÃO DE MULTIPLICAÇÃO**

Este capítulo não pretende ser uma biografia sobre o apostolo Paulo. Temos de levar em conta, no crescimento da igreja, a vida e a obra de quem mais contribuiu para isto em todos os tempos. Com Saulo de Tarso, alargaram-se os horizontes do cristianismo. Sua visão global da aplicação da mensagem de Cristo impulsionou-o a levar o evangelho ao mundo gentio. Acompanhemo-lo, pois, nos primeiros passos de uma carreira que, desde a conversão, foi totalmente dedicada ao progresso da igreja de Deus no mundo.

**UM DÍSCIPULO QUE TRABALHA PARA A MULTIPLICAÇÃO
(Atos. 9.19-25)**

Logo depois de convertido, entendeu Saulo que era seu dever testemunhar de Cristo. Precisava de instrução, no que foi ajudado pelos discípulos que estavam em Damasco. A vida dos crentes deve compreender convivência com os irmãos e trabalho de evangelização.

Podemos imaginar quão útil deve ter sido Ananias nesse mister. Como judeu, Saulo tinha livre acesso às sinagogas, onde se reuniam os judeus, a quem ele primeiramente se dirigiu em grande parte do seu ministério.

Nem todos são chamados para pregar e ensinar, mas Paulo era mestre e pregador nato. Estas qualidades foram dons recebidos diretamente de Deus. O essencial na pregação evangélica é que Jesus é o Cristo. Uma pregação que não seja cristocêntrica não é pregação cristã. Os ouvintes de Saulo conheciam alguma coisa referente a Jesus de Nazaré, que seus chefes religiosos condenaram à morte em Jerusalém; sabiam também que o Messias seria o Filho de Deus; mas repudiavam a ideia de que Jesus de

Nazaré fosse o Messias. Esta ideia, no entanto, se tornou o tema de todas as pregações da igreja crista

O fato de se pasmarem os ouvintes diante da pregação de Saulo (v.20), dá a entender que teriam sido avisados de sua vinda. Sem dúvida, estariam prontos a colaborar com ele na perseguição aos crentes. Não podiam entender como se operara tão grande mudança.

Poucos dias antes, ele era o mais temível perseguidor de todo judeu que ousasse crer naquelas doutrinas que ele estava agora pregando. Todos sabiam que Saulo não procurava enganar ninguém. Conheciam-no como homem de grande capacidade intelectual e de convicções definidas e fortes.

Podiam sentir que só um poder super-humano levaria aquele homem a dar meia-volta no seu pensamento, de modo a provar «que jesus era o Cristo» (v. 21) - a realidade de que ele combatia com fúria infernal. A conversão real manifesta-se por mudanças visíveis na atitude das pessoas em relação a Cristo.

Ao lermos que «decorridos muitos dias os judeus deliberaram entre si matá-lo» (v. 23), entendemos que seja uma referência ao tempo de que Paulo fala em Gálatas 1:15-18. A narrativa em Atos é muito condensada.

Comparando-se as duas passagens, a vida de Saulo poderá ser reconstituída desse modo após a conversão: Depois de batizado por Ananias, tendo convivido com os discípulos a quem fora perseguir, deu testemunho de sua nova vida, mas sentiu necessidade de meditar. Retirou-se por três anos para o deserto do Sinai, conforme pensam os mais autorizados intérpretes. Estaria no mesmo cenário em que Moisés vira a sarça ardente, e onde Elias convivera com Deus. Ali Saulo pode recompor o seu espírito. Pelo cuidadoso estudo das Escrituras, corrigiu os ensinos farisaicos de que a sua cabeça estava cheia. Assim todos os grandes reformadores e homens de Deus têm preparado o espírito para a sua missão. O próprio Jesus passou quarenta dias em oração no deserto antes de começar o seu ministério público. Ao voltar a Damasco, Paulo já não

era um neófito. Mas outras coisas também haviam mudado.

Aqueles judeus, que seriam, antes, seus colaboradores, agora «deliberaram entre si matá-lo» (v. 23); os discípulos, que antes ele procurava destruir, ajudavam-no a escapar à perseguição e à morte (v. 25). O temperamento tranquilo de Ananias e a pouca agressividade dos outros discípulos não irritavam os judeus; mas a atividade de Saulo, a quem consideravam apostata, perturbava-os. Daí a resolução de matá-lo. Os judeus de Damasco gozavam de certa influência social e política.

Chegaram a conseguir do governador que os designasse para a vigilância das portas da cidade. Depreende-se disto que tinham ordem de prisão contra Saulo, naturalmente decretada pelas autoridades de Damasco. Mas Saulo tinha amigos que acertaram um plano de fuga: «Tomando-o de noite, desceram-no pelo muro, dentro de um cesto» (v.25).

Um homem é prudente quando sabe discernir entre a hora de correr e a hora de lutar. Saulo não agiria sabiamente se permanecesse em Damasco exposto ao perigo de morte. Por isso, saiu para nunca mais voltar.

O PAPEL DA IGREJA LOCAL NA FORMAÇÃO DE UM MULTIPLICADOR

(Atos 9.26-30)

Assim que chegou a Jerusalém, Saulo «procurava juntar-se aos discípulos» (v. 26). É mau sintoma quando uma pessoa não gosta do convívio dos crentes. Quem é amigo de Deus, regozija-se com a amizade do povo de Deus. Não havia fácil comunicação com Damasco. Os crentes não tinham tido notícia da conversão de Saulo. Damasco ficava fora do país dos judeus. Três anos se passaram sem que se ouvisse a respeito de Saulo. Quando ele apareceu em Jerusalém e quis juntar-se aos crentes, a primeira recordação foi a de que ele ia de casa em casa arrastando crentes para a prisão e a morte. Quando todos o consideravam inimigo, surgiu Barnabé, que creu no seu testemunho e ficou como fiador da sua palavra. Recebido que foi pelos irmãos, percebe-se que Saulo foi

hóspede de Pedro (Gl. 1.18-19). Continuou em Jerusalém a atividade desenvolvida em Damasco, até com os mesmos resultados, porque dela sobreveio a perseguição. Saulo era também helenista. Três anos antes, opunha-se a Estevão na sinagoga dos helenistas em Jerusalém, agora sofria oposição de outros, defendendo o que outrora atacava. Por apresentar a mensagem que Jesus era o Cristo, «procuravam matá-lo» (v. 29). Somos imortais enquanto Deus precisar de nós neste mundo. Por isso, os irmãos providenciaram a volta de Saulo a Tarso, onde ficou até que Deus lhe designasse o campo de trabalho.

CAPÍTULO 3

A PERSEGUÍÇÃO QUE GEROU A MULTIPLICAÇÃO

A expansão missionária foi consequência da perseguição movida contra os crentes. O sangue dos mártires deu nova vida ao trabalho. Os judeus cristãos, por onde quer que passassem, anunciam o evangelho de Cristo. Inconscientemente constituíam uma sociedade missionária para evangelização dos judeus. Mas em Antioquia da Síria as coisas acontecerão de modo diferente. Alguns judeus helenistas que para lá se deslocaram, comunicaram as boas novas a judeus e gentios. Aí surgiu uma comunidade mista, que era uma inovação no cristianismo nascente, onde foram os discípulos pela primeira vez chamados cristãos.

Um escritor do primeiro século descreveu assim esses cristãos: «Vivem no mundo como se suas vidas estivessem no céu. Amam a todos, mas são por todos odiados e atormentados. Não são conhecidos, e mesmo assim são perseguidos e julgados. Procuram exterminá-los, mas estão sempre vivos. São pobres, mas enriquecem a muitos. São odiados, mas abençoam os que os odeiam. Fazem o bem, mas são castigados como malfeiteiros. Sendo judeus, são considerados estrangeiros pelos judeus e malquistas pelos gregos:

Vivem como peregrinos na terra, pois esperam uma eternidade no céu. Poderia tal síntese de vida aplicar-se aos cristãos dos nossos dias?

TODOS PODEM SER MULTIPLICADORES (Atos 11.19-21)

A primeira perseguição teve o efeito de espalhar a igreja e levar a semente do evangelho a muitas localidades. Os «que foram dispersos pela tribulação» (v. 19) não eram apóstolos nem participavam do ministério. O dever e o privilégio de falar a respeito da salvação não cabe só aos pastores. Se conhecemos a Cristo e o amamos de todo o coração, sentimo-nos felizes em comunicar a alguém a nossa experiência cristã. Somos testemunhas de Cristo. Ele depende de nós, confia em nós e quer usar-nos na promoção de sua causa. Dos crentes chegados a Antioquia, alguns pregaram só aos judeus, mas outros, de mentes mais arejadas, falaram de Cristo também aos gentios. Deus abençoou o trabalho de todos (v. 21). Cumpria-se o que Jesus havia prometido. A preocupação deles foi anunciar o Senhor Jesus (v. 20). Não eram pregadores de reformas sociais, de revoluções políticas, de ideias filosóficas ou de teorias económicas. Tais coisas podem interessar aos homens, mas não os conduzirão à fé e à conversão.

O PAPEL DA LIDERANÇA NA MULTIPLICAÇÃO (Atos. 11.22-26)

Não tardou que chegasse a Jerusalém a notícia daquilo que os irmãos realizavam em Antioquia. A igreja resolveu enviar Barnabé para investigar a natureza do trabalho, instruir e ajudar os novos convertidos. Quando ele chegou “e viu a graça de Deus”, se alegrou (V.23).

Longe de sentir inveja por ver como Deus fazia prosperar a obra daqueles irmãos leigos, Barnabé se alegrou. Quão bom seria que sempre nos alegrássemos com as vitórias dos nossos irmãos nas lides do evangelho! Barnabé sabia que os crentes novos estavam sujeitos ao perigo de um retorno ao paganismo. Por isso, «exortava a todos

a perseverarem no Senhor com firmeza de coração» (v. 23). O interesse de Barnabé voltava-se para o crescimento da obra. Sentiu que a igreja necessitava de mais obreiros. Lembrou-se de Saulo, que estava em Tarso, e foi buscá-lo. Até esse momento, aquele que seria o grande apóstolo, permanecia em obscuridade. Por ciúme ou por medo, apesar do primeiro esforço de Barnabé, ainda em Jerusalém, para integrá-lo no trabalho, Saulo não tinha tido oportunidade. O Espírito Santo, que orientava a vida de Barnabé, fez que ele buscasse o homem certo para o lugar certo. Teria sido grande prejuízo para o cristianismo se Barnabé não tivesse levado Saulo para Antioquia. Considera-se grande êxito, na atualidade, se uma igreja consegue reunir seus membros por alguns dias num instituto, numa escola bíblica doutrinária ou num retiro espiritual, para estudar a Bíblia. Muitos se limitam a uns poucos minutos por semana aos domingos. Mas os novos convertidos em Antioquia, imbuídos de ideias pagãs, tinham muito que aprender de Barnabé e Saulo. Foi o que os levou a se reunirem «um ano inteiro» (v. 26). Esta instrução foi tão eficaz, que logo toda a cidade tomou conhecimento do novo movimento: os seguidores de Cristo. Ali, «os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos» (v. 26). Se foram assim chamados pelos de fora valeu pelo reconhecimento de que o assunto deles era o evangelho de Jesus Cristo.

A PRIMEIRA IGREJA MISSIONÁRIA (Atos. 13.1-3)

É curioso observar que a igreja em Antioquia foi a primeira igreja missionária, e não a de Jerusalém, onde estavam quase todos os apóstolos. Em Antioquia não era grande a influência judaica. Estava fora do alcance dos opositores do cristianismo. Em Jerusalém, até mesmo alguns líderes cristãos custaram a entender que a mensagem de Jesus devia ser levada «até os confins da terra» (Atos 1:8). Outro fator valioso foi a liderança cosmopolita com que a igreja contava. Citam-se «profetas e mestres» (v.

1). Barnabé era de Chipre, Saulo era da Cilícia, Lúcio era de Cirene, na África. Não sabemos de onde eram Simeão e Manaém.

O primeiro tem o apelido de Níger, que quer dizer negro. Do segundo se diz que era irmão de leite do tetrarca Herodes, o que dá a entender que era um palaciano. Vê-se que era um grupo representativo da universalidade do Evangelho. Em Atos 15:35 lê-se que «Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, ensinando e pregando com muitos outros a palavra do Senhor». Este teria sido o trabalho daqueles «profetas e mestres». Devidamente doutrinada, a igreja pode ouvir e entender a voz do Espírito Santo, e oferecer os melhores obreiros para o trabalho missionário. É o Espírito Santo quem guia, inspira e orienta a obra. O Espírito chamou, a igreja consagrou formalmente os obreiros para tal serviço (v. 3). Sem a autoridade do Espírito, eles não se sentiriam qualificados para o trabalho; sem a orientação do Espírito Santo eles não saberiam como ir nem para onde ir.

CAPÍTULO 4

A IGREJA MULTIPLICADORA E SEU PAPEL NO MUNDO MISSIONÁRIO

Partindo de Antioquia, guiados pelo Espírito Santo, Barnabé e Saulo saíram para a conquista do mundo. Considerando cuidadosamente este capítulo, concluiremos que deve haver, em cada igreja, ambiente espiritual em que os crentes possam ouvir, com mais desembaraço, a chamada do Espírito Santo para a obra missionária. Uma igreja, pela natureza de sua organização e pela sua razão de ser, tem o dever de produzir os futuros líderes cristãos. Como agência do reino de Deus cabe as igrejas a tarefa de promoverem a expansão dos horizontes do cristianismo. Para isto, as igrejas devem dar à mocidade crente uma visão missionária, interessá-la na obra missionária, mostrar-lhe a necessidade de obreiros nos campos missionários, bem como incentivar os jovens a assumirem compromissos pessoais com a obra de evangelização do mundo.

O INÍCIO DA OBRA MISSIONÁRIA (Atos. 13.4-5)

Aqui temos o primeiro ato efetivo de uma igreja ao executar o programa do senhor Jesus para a salvação do mundo. Enviados pela igreja ou enviados pelo Espírito Santo tem o mesmo significado quando a igreja se torna instrumento do Espírito Santo. Era o ambiente que reinava na igreja em Antioquia da Síria. Selêucia era um porto de mar no Mediterrâneo. Distava cerca de trinta quilômetros de Antioquia. Daí, navegaram para a ilha de Chipre, terra natal de Barnabé. Ele não se envergonhava de ir à terra onde era conhecido, para evangelizar seus parentes e amigos. Facilmente se chegava de Selêucia a Chipre. Era a rota natural do comércio. O importante, porém, estava em que o Espírito Santo os guiava. A estratégia seguida pelos missionários foi pregar primeiramente nas sinagogas dos judeus. Ambos tinham direito, como judeus, de abrir as Escrituras e de comentar a palavra de Deus. Não sabemos quanto tempo se demoraram em Salamina nem, tampouco, se houve oposição nessa cidade. O João, que eles levavam como auxiliar, era João Marcos, primo de Barnabé. João Marcos foi o autor do segundo evangelho.

A MULTIPLICAÇÃO EM ICÔNIO (Atos. 14.1-3)

Depois de prearem com êxito em Antioquia da Pisidía, os missionários foram expulsos da cidade. Seguiram para Icônio, mais ou menos a oitenta quilômetros a sudeste de Antioquia, na Licaônia, província da Ásia Menor. Como de costume, buscavam contato com os judeus nas sinagogas onde se reuniam para o culto. Não temos aqui um esboço a resumo da mensagem que apresentaram. A expressão «falaram de tal modo» (v. 1), revela que pregaram no poder do Espírito Santo. Este é o segredo da conversão de almas. Por isso, o resultado foi que «creu uma voltaram grande multidão» (v. 1), da qual participavam também gentios que tendo aceitado a religião dos judeus, eram conhecidos como prosélitos de que por judaísmo.

A reação dos adversários também se fez sentir em Icônio (v. 2). Os judeus incrédulos agiam astutamente para perturbar a obra de Deus. Transferiam para outros a responsabilidade do que promoviam. Em Antioquia, “incitaram as mulheres devotas de alta posição e os principais da cidade” contra os missionários (13.50). em Icônio, valeram-se dos gentios para tal propósito (V.2). isto, porém, não impediu que Paulo e Barnabé permanecessem ali “por muito tempo” (V.3), eram a maneira usada por Deus para autenticar a mensagem deles como embai-xadores de Cristo. Não operavam milagres à vontade, mas quando Deus lhes concedia que fizessem, por se tornarem necessários.

A PERSEGUIÇÃO EM LISTRA (Atos 14.19-20)

Os inimigos do evangelho apareceram também em Listra. Reeditaram a oposição levada a efeito em Antioquia e em Icônio. Satanás tem seus mensageiros que procuram por todos os meios, impedir o progresso do reino de Deus. Tal como haviam procedido antes, persuadiram as multidões a apre-dejarem Paulo. O texto não explica por que teriam poupadão Barnabé. Vê-se que eram judeus os promotores desses distúrbios, porque o apedrejamento era castigo judeu, e não grego. Os judeus tinham escrúpulo em derramar sangue dentro das cidades (Atos 7:58), mas o povo de Listra não tinha. Geralmente, arrastavam pelas ruas os cadáveres dos que eram executados, levavam-nos para fora das cidades e os deixavam insepultos. Uma única pedra e suficiente para causar a morte, se Deus achar que é chegada a hora de levar um servo seu deste mundo; mas se ainda não é este o seu propósito, não há apedrejamento que tire a vida de um crente. Rodeado pelos discípulos, que talvez lamentassem a sua morte, Paulo a todos surpreende: levanta-se e, mesmo ferido, está pronto para a continuação da obr. Evidentemente foi salvo pela intervenção direta de Deus.

A MULTIPLICAÇÃO SEGUE DE DERBE A ANTIOQUIA (Atos. 14.21-23)

Ao sairem de Listra, Paulo e Barnabé foram para Derbe. Tudo indica que tenham estado lá por algum tempo. E o que se depreende da declaração de que fizeram “muitos discípulos”, que vale dizer que ensinaram a muita gente. Em Derbe, parece que não foram molestados.

Ao regressarem a Antioquia da Síria, volta-ram pelas mesmas cidades, até alcançarem o porto de Antioquia da Pisídia. Não se diz que tenham feito grandes trabalhos evangelísti-cos nessas visitas. Estavam preocupados em encorajar os crentes a que prosseguissem na nova vida em Cristo.

Eram crentes recentemente saídos do paganismo, ainda mal-informados, perse-guidos, necessitados de orientação para saberem como suportar os sofrimentos a que estavam sujeitos pela sua nova fé (v. 22). Cada assembleia de crentes escolheu o seu pastor. Esses obreiros foram formal-mente consagrados ao ministério das igre-jas em reuniões públicas. Organizou-se, desse modo, o trabalho para o crescimento seguro do cristianismo (v. 23).

CONCLUSÃO

Meu sincero desejo é que com o estudo, a partir, destas reflexões baseados em Atos dos Apóstolos, Deus ative em nós o profun-do sentimento de sermos usados para ga-nharmos e cuidarmos bem das pessoas.

Nós, na Assembleia de Deus, temos sido ótimos ganhadores de almas, isto é, multi-plicamos a cada dia, mas precisamos cuidar das vidas que o Senhor Jesus nos confia. A multiplicação é algo tão natural numa igreja fortemente comprometida com a evangeliza-ção que não nos espantaremos se vermos as nossas igrejas multiplicando-se de forma vertiginosa.

Precisamos nos atentar e focalizarmos to-dos os nossos esforços no sentido de multi-plicarmos. Não podemos nos conformar como estamos, o tempo de multiplicar é hoje.

A PERSEGUIÇÃO AO CRISTIANISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Pr. Éder Toledo

19

Introdução

A perseguição ao cristianismo é uma realidade persistente e global, que atravessa séculos e fronteiras. No mundo contemporâneo, os cristãos enfrentam hostilidade de regimes políticos, ideologias autoritárias e sistemas religiosos fechados. Este texto propõe uma análise histórica e geopolítica, começando pela repressão comunista no século XX e avançando até os dias atuais, com foco nos países de maioria islâmica.

1. Cristianismo sob o Comunismo: O Caso da União Soviética

A ascensão do regime comunista na União Soviética após a Revolução de 1917 marcou o início de uma perseguição sistemática à religião, em especial ao cristianismo ortodoxo e posteriormente a todas as manifestações cristãs.

- Lenin e a ideologia ateísta: O marxismo considerava a religião o “ópio do povo”. Igrejas foram fechadas, confiscadas e transformadas em armazéns ou centros culturais.

- Stalin e o terror religioso: Milhares de padres, monges e fiéis foram presos, deportados ou executados. Estima-se que mais de 100 mil clérigos tenham sido mortos até os anos 1930.

- Cristianismo clandestino: Surgem igrejas subterrâneas que continuam pregando em segredo. Muitos foram enviados para gulags.

- Reabilitação parcial na Segunda Guerra Mundial: Stalin reabriu igrejas para apoio popular durante a guerra, mas o controle estatal permaneceu.

2. A Igreja Cristã em Outros Regimes Comunistas

Outros países comunistas também adotaram políticas semelhantes:

- China (até os dias atuais): Sob Mao Tsé-Tung, houve destruição de igrejas, queima de Bíblias e prisão de pastores. Hoje, a igreja subterrânea ainda sofre repressão do Partido Comunista.
- Coreia do Norte: O cristianismo é totalmente proibido. Cristãos descobertos são enviados a campos de trabalho forçado ou executados.
- Cuba: Igrejas foram severamente controladas após a revolução de 1959, com monitoramento de cultos e restrição à evangelização.

3. Cristianismo sob a Perseguição Islâmica

Nos países de maioria islâmica, o cristianismo enfrenta uma forma diferente de perseguição, motivada por questões religiosas e culturais:

- a. Leis de blasfêmia e apostasia
 - Em países como Paquistão, Irã, Ará-

bia Saudita e Somália, abandonar o Islã ou evangelizar muçulmanos pode levar à pena de morte.

- Acusações falsas de blasfêmia contra cristãos são comuns, especialmente no Paquistão.

b. Discriminação sistemática

- Cristãos são tratados como cidadãos de segunda classe, com acesso limitado a empregos, educação e justiça.

- Em alguns países, como Egito, as igrejas precisam de aprovação governamental especial para operar.

c. Violência jihadista

- Grupos como o Estado Islâmico, Boko Haram e Al-Shabaab promovem ataques, sequestros e assassinatos de cristãos.
- Exemplos incluem: as decapitações de cristãos coptas na Líbia (2015) e ataques a igrejas na Nigéria.

4. Casos Atuais de Perseguição em Países Islâmicos

- Paquistão: Cristãos enfrentam prisão por blasfêmia (ex. Asia Bibi). Crianças cristãs são sequestradas e forçadas ao casamento.
- Irã: Conversão ao cristianismo é crime. Pastores são presos, igrejas domésticas são invadidas.
- Afeganistão: Após a volta do Talibã, o cristianismo tornou-se praticamente invisível, sob risco de morte.
- Somália e Eritreia: Igrejas proibidas, prisões arbitrárias, tortura de cristãos.
- Nigéria: Grupos extremistas atacam vilarejos cristãos; milhares de mártires por ano.

5. Resistência e Crescimento da Igreja Perseguida

Mesmo sob perseguição intensa, o cristianismo não apenas sobrevive, como cresce:

- China: Estima-se mais de 100 milhões de cristãos, muitos em igrejas domésticas.
- Irã: Um dos países com o crescimento mais rápido da igreja evangélica, apesar da perseguição.
- África Subsaariana: Apesar da violência, comunidades cristãs florescem com fé vibrante.

6. O Papel da Igreja Global

A Igreja em contextos livres tem um papel crucial:

- Orar pelos perseguidos (Hebreus 13:3).
- Apoiar com recursos, literatura e treinamento.
- Advogar por liberdade religiosa internacionalmente.
- Encorajar vocacionados a servir em locais hostis com sabedoria e paixão.

Conclusão

A perseguição ao cristianismo no mundo contemporâneo é uma realidade cruel, mas também um testemunho do poder da fé em Cristo. Onde há repressão, há também resistência. Onde há martírio, há multiplicação. Que a Igreja Livre jamais se esqueça da Igreja Sofredora, e que a memória dos mártires nos impulse a cumprir a missão até os confins da terra.

VENCENDO OS IMPEDIMENTOS À OBEDIÊNCIA À VISÃO CELESTIAL

Pr. Elias e Ruth Santos

21

Vários são os impedimentos à obra missionária, tanto internos quanto externos, em nosso meio fora dele que podem ser encontrados. O orgulho, a falta de fé, o medo e a indiferença são barreiras internas, que tem sido grandes impedimentos para o cumprimento do ide e obediência a visão celestial. Porém também existe perseguições, falta de recursos e oposição espiritual que também são obstáculos externos. Jesus, em seus ensinamentos, abordou tanto a importância da obra missionária quanto os desafios que os discípulos enfrentariam.

Tema: Vencendo os impedimentos à Obediência à Visão Celestial
Texto base: Atos 26.19 (13:1-3)

“Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial.”

13.1-3 E na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé e Simeão chamado Níger, e Lúcio, cireneu, e Manaém, que fora criado com Herodes o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram.

Introdução

Todos os que seguem a Cristo têm um chamado, uma missão.

Jesus convida seus discípulos a seguir a Ele. Ele não os chamou apenas para serem pescadores de peixes, mas pescadores de almas, para compartilhar o evangelho e levar as pessoas a Ele. Fazer uma grande escolha hoje significa dizer “sim” ao convite de Jesus para realizar a missão que Ele nos deu. Isso é fundamental porque ajuda outras pessoas a entenderem que Deus as ama e deseja que elas tenham uma vida eterna com Ele. Assim como os discípulos escolheram seguir Jesus, nós também temos a mesma missão, a questão e de obediência.

Paulo, diante do rei Agripa, afirma que não foi desobediente àquilo que Deus lhe revelou. Mas obedecer à visão celestial não é fácil — existem impedimentos no meio do caminho! **OBEDECER A JESUS INCONDICIONALMENTE** (Lucas 9.23). Jesus ensina que seguir a Ele envolve a escolha de negar a si mesmo e carregar a cruz. Isso significa que devemos renunciar nossos próprios desejos e seguir o caminho de Deus, mesmo quando isso é difícil. Em nossas vidas diárias, enfrentamos decisões sobre obedecer a Deus ou seguir nossos próprios interesses. Escolher a obediência a Deus pode ser desafiador, mas tem um impacto eterno, pois nos aproxima de Deus e nos per-

mite ser testemunhas eficazes do Seu amor e vontade.

I. Quais são os impedimentos?

- Medo do desconhecido - (Local, idioma, provisão)
- MEDO - Moisés também teve medo ao ser chamado (Êxodo 4:10), Jeremias 1:14.
- O medo nos paralisa e causa a desobediência.
 - A procrastinação é uma forma disfarçada de desobediência.

22

II. Circunstâncias adversas

(Atos 9: 23-25)

- Após obedecer a visão Paulo sofre perseguição - At 20.22-24
- Obedecer a visão não é confortável muitas vezes.
- Apego ao Passado - Filipenses 3:13-14
- O jovem rico preferiu suas posses ao chamado de Cristo (Mc 10:21-22).

A visão exige desapego e sacrifício. Lc 14:33

IIa. Dúvidas e incredulidade

“Será que fui chamado mesmo?” “E se der errado?” Quando? Onde?

- Gideão pediu sinais para se sentir seguro (Juízes 6:11-24).
- A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam (Hb 11:1).
- Pressões humanas - Gálatas 1:10 - Às vezes a visão vai contra o que os outros esperam de nós.

III. Como Vencer os impedimentos:

- Volte a origem da visão - Aquele que prometeu e fiel para cumprir com sua palavra e realizara a Seu tempo Sua perfeita e boa vontade .
- Fortaleça na esperança da promessa e persevere
- Desapego do passado -
- Dependa do Espírito Santo - At 13:3

- Chamada direcionada pelo o Espírito Santo.

• Paulo não esperou anos para começar. Ele se levantou e foi. -(O apóstolo Paulo enfrentou diversos impedimentos ao longo de sua vida e ministério, incluindo perseguições físicas, dificuldades pessoais e limitações geográficas. Ele foi açoitado, apedrejado, preso e passou por naufrágios).

• A procrastinação é uma forma disfarçada de desobediência.

• Vida de oração e sensibilidade ao Espírito. - A vida de oração é fundamental na missão m atuando como motor que impulsiona e sustenta o trabalho missionário e através dela que conectamos com DEUS.

1. Quanto mais ouvimos Deus, mais coragem temos para obedecer. Gn 26.5
2. Jesus sempre buscava o Pai antes de decisões importantes.

Coragem e perseverança

A obediência à visão não é um ato único, mas um estilo de vida. Paulo perseverou até o fim, mesmo com os impeditivos das prisões e sofrimentos.

IV. Resultados da Obediência

- Vidas transformadas (como os gentios alcançados por Paulo)
- Impacto eterno — sua obediência hoje muda destinos amanhã. Jesus resumiu os mandamentos em amar a Deus e amar o próximo. Essa escolha de amar e perdoar os outros reflete o coração de Deus e tem um impacto eterno, não apenas em nossas vidas, mas também nas vidas daqueles a quem amamos. Hoje, somos desafiados a fazer escolhas que demonstrem o amor de Deus em nossas vidas.

Isso inclui amar nossos vizinhos, amigos e inimigos, e perdoar aqueles que nos ofenderam. Essas escolhas não

apenas transformam nossas vidas, mas também têm um impacto eterno naqueles que estão ao nosso redor.

- Glória a Deus — nossa vida se torna um testemunho vivo
 - Frutos abundantes e alegria na alma
 - Vidas transformadas (como os gentios alcançados por Paulo)
 - Glória a Deus — nossa vida se torna um testemunho vivo

Quem obedece à visão celestial receberá a recompensa eterna.

“Combati o bom combate... guardei a fé...” (2Tm 4:7-8) Paulo enfrentou muita oposição, até dos próprios irmãos judeus. O foco deve estar em agradar a Deus, não aos homens (Gl 1:10).

Conclusão

Deus tem uma visão celestial para cada um de nós.

- Você está obedecendo ou deixando que impedimentos te travem?

* Hoje é dia de dizer como Isaías: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6:8).

Oremos a Deus para vencermos os medos, dúvidas, pressões e apegos.

Comprometa-se a obedecer ao chamado celestial.

Obediênciá exige confiança, mesmo sem saber todos os detalhes.

Pr. Elias e Ruth Santos E-mails:
barakasantos@gmail.com barakasantos@fast-mail.fm WhatsApp: + 20 1203844492

Anotações

Anotações

24

ENTENDENDO A VISÃO CELESTIAL

(ATOS 26:16-19)

Miss. Dione Rocha

25

Entendendo a Visão Celestial (Atos 26:16-19)

A passagem de Atos 26:16-19 é um momento crucial no testemunho de Paulo perante o rei Agripa, onde ele descreve a visão celestial que teve no caminho para Damasco. Essa visão não foi apenas um evento sem propósito, mas uma transformação radical que redefiniu completamente a vida e a missão de Saulo de Tarso, tornando-o Paulo, o apóstolo dos gentios.

Vamos analisar os versículos para entender a profundidade dessa experiência:

Atos 26:16: “Levanta-te e põe-te em pé, pois para isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda;”

Aqui, Jesus Cristo não apenas aparece a Paulo, mas lhe dá uma ordem direta e uma comissão clara. A visão não é para admiração passiva, mas para ação imediata. Ele é chamado para ser um “ministro” (servo) e uma “testemunha”. Isso significa que sua vida dali em diante seria dedicada a proclamar o que ele viu e experimentou. A menção de “**coisas pelas quais te aparecerei**” sugere uma revelação contínua e uma direção divina constante. Atos 26:17: “livrando-te deste povo e dos gentios, aos quais eu te envio,” Este versículo destaca a

proteção divina e o alvo da missão de Paulo. Cristo promete livrá-lo das perseguições tanto dos judeus (“deste povo”) quanto dos gentios, embora Paulo tenha enfrentado muitas dificuldades ao longo de seu ministério. O mais importante é que Cristo o envia aos gentios, o que era uma quebra radical com o pensamento judaico da época, que via os gentios como impuros e fora do pacto de Deus.

Atos 26:18: “para lhes abrires os olhos, a fim de que se convertam das trevas para a luz e do poder de Satanás para Deus, para que, pela fé em mim, recebam a remissão dos pecados e herança entre os santificados.”

Este é o propósito central da missão de Paulo, revelado na visão. A linguagem é rica em significado: “abrir os olhos”: Remete à cegueira espiritual, mostrando a necessidade de iluminação divina. “das trevas para a luz”: Uma metáfora clássica para a transição do pecado para a santidade, da ignorância para o conhecimento de Deus.

“do poder de Satanás para Deus”: Enfatiza a libertação da escravidão do pecado e do domínio maligno para a soberania de Deus.

“remissão dos pecados e herança entre os santificados”: O resultado final dessa conversão é o perdão dos pecados e a participação na vida eterna com os crentes, tudo isso alcançado “pela fé em

“mim” (em Cristo). Isso sublinha a centralidade da fé em Jesus para a salvação.

Atos 26:19: “Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial,”

Paulo conclui essa parte de seu testemunho afirmando sua fidelidade à ordem divina. Ele não desconsiderou a magnitude da visão e a comissão que recebeu. Sua vida subsequente, marcada por viagens missionárias, pregação e sofrimento, é a prova de sua obediência.

Em resumo, a visão celestial em Atos 26:16-19 não foi apenas um encontro sobrenatural; foi uma comissão divina que transformou Paulo em um agente fundamental na expansão do cristianismo. Essa passagem nos ensina sobre a soberania de Deus, a chamada para o serviço, o propósito da evangelização (trazer as pessoas da escuridão para a luz e do domínio de Satanás para Deus) e a importância da obediência à vontade divina. A visão de Paulo é um lembrete poderoso de que Deus pode usar qualquer pessoa, independentemente de seu passado, para Seus propósitos grandiosos.

A Bíblia está repleta de exemplos de revelação celestial, onde Deus se comunica e manifesta Sua vontade e presença de diversas formas aos seres humanos.

A Criação: A própria existência do universo é considerada uma revelação geral da glória e do poder de Deus (**Salmo 19:1-4**).

Adão e Eva no Éden: Deus se comunicava diretamente com eles, dando instruções e estabelecendo um relacionamento (**Gênesis 2:16-17**).

Noé e o Dilúvio: Deus revelou a Noé Seus planos de juízo e salvação, instruindo-o a construir a arca (**Gênesis 6:13-21**).

Abraão e a Promessa: Deus apareceu a Abraão em diversas ocasiões, fazendo promessas de uma grande descendência e uma terra (**Gênesis 12:1-3, Gênesis 15:1-6**).

Moisés e a Sarça Ardente: Deus se revelou a Moisés em uma sarça que queimava, mas não se consumia, e o comissionou para libertar Israel do Egito (**Êxodo 3:1-10**).

O Profeta Samuel: Deus chamou Samuel várias vezes, revelando-lhe Seus planos e mensagens para Israel (**1 Samuel 3:1-14**).

O Profeta Isaías: Recebeu visões e profecias sobre a vinda do Messias e o futuro de Israel e das nações (**Isaías 6:1-13**).

O Profeta Elias e o Exército Celestial: Eliseu pediu a Deus que abrisse os olhos de seu servo para que visse os carros de fogo e cavalos de fogo que protegiam Elias, uma manifestação do exército celestial (**2 Reis 6:17**).

O Profeta Daniel: Recebeu visões e interpretações de sonhos que revelavam eventos futuros e o plano de Deus para as nações (**Daniel 7-12**).

O Anúncio do Nascimento de Jesus a Maria e José: O anjo Gabriel apareceu a Maria, e um anjo do Senhor apareceu a José em sonhos, revelando o nascimento de Jesus (**Lucas 1:26-38; Mateus 1:18-25**).

A Conversão de Saulo (Paulo): Jesus apareceu a Saulo no caminho de Damasco em uma luz celestial, transformando-o de perseguidor em apóstolo (**Atos 9:1-9**).

Visões e Revelações de Paulo: O apóstolo Paulo relata ter recebido muitas visões e revelações do Senhor, inclusive sendo arrebatado ao “terceiro céu” (**2 Coríntios 12:1-4; Gálatas 1:11-12**).

O Livro do Apocalipse (Revelação de João): O apóstolo João recebeu uma série de visões apocalípticas de Jesus Cristo, revelando eventos futuros, o fim dos tempos e a vinda de um novo céu e uma nova terra (**Apocalipse 1:1-3, Apocalipse 21:1-8**).

Deus usava os profetas antigamente e transmitia-lhe a mensagem por meio de visão (**Is. 1:1**). Por isso os profetas de antigamente eram chamados de “vidente” como podemos constatar em **1 Sm. 9:9 e 1 Cr. 29:29**

Esses são apenas alguns dos muitos exemplos de como Deus se revelou e continua a se revelar aos seres humanos, seja de forma direta ou por meio de Sua Palavra escrita, a Bíblia. A revelação divina é fundamental para a fé cristã, pois é através dela que a humanidade pode conhecer a Deus e Seus propósitos.

Jesus se revelando através de sonhos e visões

Em países fechados para o evangelho, é amplamente relatado que Jesus se revela a muçulmanos através de sonhos e visões, além de Sua Palavra (a Bíblia) e do testemunho de cristãos. Essa é uma forma de Deus alcançar pessoas em regiões onde o evangelho é menos acessível ou onde a conversão pode gerar grande perseguição.

Existem inúmeros testemunhos de ex-muçulmanos que relatam ter tido encontros com Jesus em sonhos ou visões, o que os levou a buscar mais sobre Ele e, eventualmente, a se converterem ao cristianismo.

Pontos importantes a considerar:

* Sonhos e visões: Muitos muçulmanos relatam ver Jesus em sonhos, muitas vezes em momentos de busca espiritual, angústia ou em resposta a orações. Nesses sonhos, Jesus pode se apresentar de diferentes formas, mas a mensagem central geralmente os leva a reconhecer-Los como o Messias e Salvador.

* A Palavra (Bíblia): Embora os sonhos e visões sejam um catalisador, aprofundar-se na Palavra de Deus (a Bíblia) é crucial para o crescimento da fé. Após esses encontros sobrenaturais, muitos muçulmanos buscam a Bíblia para entender quem é Jesus e qual é a Sua mensagem completa.

A visão nunca pode se sobrepor ou substituir a palavra de Deus (Mt 5:18; Ap 22:18-19)

A “visão celestial” (que pode ser interpretada como revelações diretas, sonhos, visões ou experiências espirituais) hoje ela é sempre secundária e deve ser testada e avaliada à luz das Escrituras. Se uma “visão celestial” contradizer o que está escrito na Bíblia, ela é considerada falsa ou enganosa, pois, a Bíblia é o filtro e o padrão inquestionável para discernir qualquer experiência espiritual.

No entanto, a voz de Deus é inconfundível para aqueles que temem o Seu nome. Deus usa o meio que lhe aprouver para falar com os seus servos, porque Ele não está limitado à vontade humana. E por essa razão Ele fala muitas vezes e de diversas formas. Ele se revela quando quer e como quer. **Ninguém precisa ficar preocupado, se por acaso não houver revelação por visão ou sonho sobre algum fato importante, porque a maior revelação, que é a Palavra de Deus**, foi dada a todos e está ao alcance de cada um.

O perigo da visão sem base Bíblica

Uma visão, seja ela pessoal, profissional, ministerial ou qualquer outra, quando desprovida do fundamento das Escrituras, pode levar a uma série de armadilhas e consequências negativas.

Aqui estão alguns dos principais perigos:

Fundamentação em Emoções e Experiências Pessoais: Sem a Bíblia como âncora, as pessoas tendem a basear suas visões em sentimentos passageiros, sonhos pessoais não confirmados por Deus ou experiências isoladas que podem ser mal interpretadas. (**Jeremias 23:25-32**)

Engano Espiritual: Satanás é um mestre do engano e pode apresentar “visões” ou “revelações” que parecem boas

e até espirituais, mas que na verdade levam para longe de Deus e de Seus propósitos. (**1 Samuel 28:6-25**)

Dependência da Própria Sabedoria (orgulho): Quando não há um alicerço bíblico, a pessoa confia em sua própria inteligência, estratégias e capacidade, negligenciando a dependência do Espírito Santo e da sabedoria divina. **Mateus 7:24-27**

Arrogância e Intolerância: Aquele que segue uma visão sem base bíblica pode se tornar arrogante, acreditando que sua “visão” é superior, desconsiderando conselhos de outros irmãos e até mesmo a Palavra de Deus. (**Tiago 4:6, Proverbios 11:15**)

Busca por Glória Pessoal: A visão se torna um projeto para a própria exaltação, e não para a glória de Deus, buscando reconhecimento humano em vez de aprovação divina. (**Proverbios 18:12**)

Divisões e Conflitos: Visões pessoais e não bíblicas podem gerar divisões dentro das igrejas e entre os irmãos, pois cada um segue sua própria “verdade” ou “revelação”. (**Tiago 4:1-3**)

A chave para evitar esses perigos é submeter toda e qualquer visão ao critério das Escrituras. Isso implica em:

* Estudo Diligente da Bíblia: Conhecer profundamente a Palavra de Deus para discernir o que é da vontade de Ele.

* Oração e Busca por Orientação Divina: Pedir a Deus sabedoria e clareza para entender Sua vontade.

* Aconselhamento Bíblico: Buscar conselho de líderes e irmãos maduros na fé que são firmes na Palavra de Deus.

* Submissão à Vontade de Deus: Estar disposto a abandonar ou ajustar qualquer visão que não esteja em conformidade com as Escrituras.

Em resumo, uma visão sem base bíblica é como um navio sem leme em um mar tempestuoso – pode parecer que está indo a algum lugar, mas as chances de naufrágio são enormes. Somente ancorando nossas visões na inerrante

e infalível Palavra de Deus podemos ter a certeza de que estamos no caminho certo e que nossos propósitos glorificam a Ele.

Compreendendo a Visão Celestial da Missão Global de Deus

Compreender a “visão celestial” da missão global de Deus é mergulhar na essência do propósito divino para a humanidade e para toda a criação. Não se trata apenas de uma perspectiva terrena sobre o que a igreja deve fazer, mas de uma compreensão da Missão de Deus – a missão que emana do próprio caráter e designio de Deus.

Deus é Missionário por Natureza. A missão não é algo que Deus delegou, mas algo que Ele é. Ele é um Deus que busca, que se move em direção à sua criação para redimi-la. Essa natureza missionária é intrínseca à Trindade: o Pai envia o Filho, e o Pai e o Filho enviam o Espírito Santo.

A visão celestial é de reconciliar todas as coisas consigo mesmo (**Colossenses 1:20**). Isso inclui não apenas a reconciliação do ser humano com Deus, mas também a restauração de relacionamentos quebrados entre as pessoas, a promoção da justiça social e o cuidado com a criação. É um plano abrangente de redenção que visa a restauração plena de todas as coisas sob o senhorio de Cristo.

Jesus é o cerne da missão de Deus. Ele é o enviado por excelência, que veio para cumprir o plano redentor. Sua vida, morte, ressurreição e ascensão são o fundamento da missão global.

As instruções de Jesus aos seus discípulos para irem e fazerem discípulos de todas as nações (**Mateus 28:18-20, Lucas 24:47, Atos 1:8**) são a manifestação terrena dessa visão celestial. Ele os capacita e os envia para continuar Sua obra.

A visão celestial da missão global aponta para o objetivo final: o estabele-

cimento pleno do Reino de Deus na terra. Este Reino é caracterizado por amor, justiça, paz e a glória de Deus sendo manifesta em toda a criação. **A missão não terminará até que Jesus retorne** e Seu Reino seja plenamente estabelecido.

A missão não é realizada por força humana, mas pela capacitação do Espírito Santo. É o Espírito que convence do pecado, que regenera, que empodera a igreja para testemunhar e proclamar o evangelho. O Espírito Santo guia a igreja em suas estratégias, abre portas, e dirige os passos dos missionários e de todos os crentes envolvidos na missão. (**Atos 1:8**)

O Papel da Igreja na Missão de Deus

A igreja não “tem” uma missão, mas “participa” da missão de Deus. Ela é o instrumento escolhido por Deus para levar adiante Seu plano no mundo. A missão da igreja abrange a proclamação explícita do Evangelho (kerigma), o serviço compassivo aos necessitados (diaconia) e o estabelecimento de relacionamentos genuínos que demonstrem o amor de Cristo (koinonia).

A Grande Comissão define o propósito fundamental da Igreja no mundo. A Igreja existe para ser um agente do Reino de Deus, espalhando o Evangelho e fazendo discípulos. Se a Igreja não está envolvida na Grande Comissão, ela se afasta de sua razão e essência.

A missão global também é um sinal da proximidade do retorno de Jesus. “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (**Mateus 24:14**).

A Grande Comissão é a revelação do propósito divino para a Igreja na Terra. Ela define por que a Igreja existe e qual é sua principal tarefa no mundo. Qualquer atividade da Igreja que não contribua, direta ou indiretamente, para o cumprimento da Grande Comissão, corre o risco de desviar-se do propósito que lhe foi dado por seu Fundador.

Em resumo, a visão celestial da missão global de Deus é uma perspectiva abrangente e divina que revela um Deus amoroso e missionário, cujo propósito é reconciliar e restaurar todas as coisas por meio de Jesus Cristo e do poder do Espírito Santo, utilizando a igreja como Seu instrumento para levar o evangelho a todas as nações, até a consumação de Seu Reino. É um chamado para que cada crente e cada igreja vivam com um senso de propósito eterno, engajados ativamente no plano redentor de Deus para o mundo.

Miss. Dione Rocha

Anotações

30

A IMPORTÂNCIA DA OBEDIÊNCIA AO CHAMADO MISSIONÁRIO (AT 26:19)

Pr. João Araújo

31

Vamos ver a importância da obediência na vida do apóstolo Paulo. Vamos ver o preço que ele pagou para cumprir o chamado missionário.

O seu preparo e zelo para cumprir a lei o tornou de perseguidor a perseguido.

O efeito da entrega dele e o resultado que ele colheu: milhares de almas que foram salvas e que até hoje somos beneficiados por essa obediência.

1) A ENTREGA.

Uma das primeiras ações ao sermos chamados por Deus para cumprir uma missão é entregar tudo: vida, tempo, família e recursos, pois quando entregamos tudo não perdemos mais nada. Se falarmos que perdemos alguma coisa é porque não entregamos tudo pra Deus.

O apóstolo Paulo chegou a dizer: Não tenho minha vida por preciosa contanto que cumpra com alegria o chamado e ministério que recebi do Senhor. Por isso, chamado, ele viveu, sofreu e morreu.

2) O PREÇO DE OBEDECER AO CHAMADO.

Em Atos 9:15,16 “Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel.

¹ E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome.”

Realmente o apóstolo Paulo pagou um preço alto para cumprir o seu chamado; passou por prisões, açoites, naufrágios, apedrejamento, fome, frio, etc...., porém, ele foi obediente ao chamado. Chegou a falar: Trago em meu corpo as marcas de Cristo. (Gl 6:17)

3) A IMPORTÂNCIA E RESULTADO DE OBEDECER AO CHAMADO.

Ganhou milhares de almas, fundou muitas igrejas, formou discípulos, foi fiel até o fim e pôde falar: Combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé. (2 Tm 2:7)

Até hoje somos beneficiados por ele ter aceitado o chamado de Deus.

CONCLUSÃO:

O Deus que chamou Paulo e lhe deu a visão, continua fazendo o mesmo hoje. Fez comigo e pode fazer com você. A questão é: Estamos dispostos a obedecer como Paulo ? Deus continua chamando, obedece quem tem coragem de se entregar, pagar, pagar

o preço e cumprir o chamado, pois a recompensa virá.

O que você tem feito com seu chamado?

O apóstolo Paulo chegou a dizer : Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo. (1Cor 11:1).

• Faça missões.

A VISÃO DOS CAMPOS BRANCOS DA JANELA 10/14

Miss. Suely Lima Chaves

33

INTRODUÇÃO

Em Atos 26.19, Paulo declara perante o rei Agripa ter obedecido à visão celestial que lhe foi confiada. A expressão “não fui desobediente à visão” revela que sua missão fora uma resposta fiel ao propósito divino, não uma iniciativa humana. Qual é a visão que “os céus” nos dão agora? Para Jesus, a visão era o mundo inteiro (João 3.16); para Paulo, eram os gentios (Atos 9.15); e para a Igreja do século XXI, os céus nos apresentam uma geração estratégica: as crianças e adolescentes de 0 a 14 anos, a maior e mais receptiva janela missionária do nosso tempo.

A urgência dessa visão se confirma quando olhamos para a realidade espiritual global. Dados de missiologia revelam que entre 80 % e 85 % dos cristãos tomam sua decisão por Cristo antes dos 14 anos, e no Brasil, segundo Jörg Kühnapfel, cerca de 85 % dos evangélicos conhecem Jesus na faixa entre 4 e 14 anos. Essa faixa etária tornou-se, portanto, uma prioridade missionária conhecida como Janela 4-14: não um território geográfico, mas um campo etário branco para a ceifa, no qual a colheita espiritual é mais abundante e as sementes lançadas frutificam por uma vida inteira.

Quando Jesus disse: “Ergam os olhos e vejam os campos; eles estão brancos para a ceifa” (João 4.35), Ele nos ensi-

nou a enxergar o tempo e as pessoas com perspectiva eterna. No século XXI, a visão celestial aponta para as ruas, escolas, favelas e lares das nossas cidades, onde milhões de crianças crescem sem ouvir o nome de Jesus. A pergunta que ecoa de Atos 26.19 até hoje é: seremos obedientes à visão que o Senhor nos dá para esta geração?

1. A VISÃO CELESTIAL – ENXERGANDO O CAMPO INFANTOJUVENIL

Quando Paulo afirma em Atos 26.19: “não fui desobediente à visão celestial”, ele reconhece que sua missão nasce de uma revelação vinda do próprio Deus, e não de uma estratégia humana. Essa mesma lógica se aplica ao desafio missionário atual: a visão que o Senhor está dando à Sua Igreja aponta para o campo mais fértil e mais vulnerável ao mesmo tempo – as crianças e adolescentes de 0 a 14 anos, a maior “janela missionária” do século XXI.

a. Conceituando a infância: a palavra “infância” vem do latim *infantia*, “a condição de quem não fala”, mas o conceito vai muito além de uma fase biológica. É o período em que o ser humano está em formação integral – física, emocional, social, moral e espiritual – e em que a influência externa tem poder decisivo para moldar caráter

e fé. Por sua vulnerabilidade e abertura, a infância exige cuidado intencional e discipulado estruturado.

b. A infância à luz da Bíblia: bibliicamente, a infância é vista como tempo estratégico no plano redentor. As crianças são descritas como “herança do Senhor” (Salmo 127.3) e os pais são ordenados a ensiná-las “estas palavras... assentado em tua casa, andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te” (Deuteronômio 6.6,7). Jesus quebra paradigmas ao afirmar que “das tais é o Reino de Deus” (Marcos 10.14), não como promessa futura, mas como realidade presente. Ele não as vê como “vir a ser”, mas como discípulas capazes de responder à graça hoje.

Essa perspectiva bíblica desafia a visão reducionista que trata crianças apenas como potenciais crentes. O próprio Cristo as colocou como modelo para o Reino, destacando sua humildade, fé e receptividade. Ensinar e discipular na infância não é preparar para o futuro, é investir no presente do Reino.

c. A visão celestial e o campo infantujuvenil: quando Jesus declarou: “ergam os olhos e vejam os campos” (João 4.35), Ele nos ordenou a enxergar o tempo certo da colheita. Hoje, estatísticas missiológicas confirmam que 80–85 % das decisões por Cristo acontecem antes dos 14 anos, e no Brasil, segundo Jörg Kühnapfel, 85 % dos evangélicos conhecem Jesus entre 4–14 anos. A “janela 4–14” é, portanto, mais que uma estratégia: é um chamado do Céu para a Igreja priorizar a evangelização e o discipulado dessa geração.

d. Desafio aos líderes: obedecer à visão celestial hoje significa erguer os olhos e reconhecer que o maior campo missionário urbano não está apenas nos adultos, mas nas ruas, escolas, favelas e lares onde vivem as crianças. Mas vai além disso, significa também romper paradigmas que veem a infância como fase de espera e tratá-la como campo ativo de discipulado, mobilizar recursos humanos e financeiros para a evange-

lização intencional de 0 a 14 anos, sabendo que ganhar uma criança é ganhar uma vida inteira para Cristo e discipular desde cedo, formando caráter bíblico e identidade cristã antes que o mundo molde seus corações e mentes.

A pergunta da qual não podemos fugir agora é: seremos obedientes à visão celestial que Deus está nos dando para esta geração? A infância não é apenas uma fase da vida. À luz da Bíblia, é um campo missionário que exige urgência.

- Em 2014, Jörg Kühnapfel enfatizou que no Brasil 85 % dos evangélicos conhecem Jesus entre 4–14 anos; a APEC trabalhou para alcançar crianças em mais de 155 países até 2017.

2. EVANGELIZANDO A JANELA 4-14 COM OBEDIÊNCIA À VISÃO CELESTIAL

CAPACITAÇÃO:

MOBILIZAÇÃO:

ACÃO:

3. E AGORA?

CONTINUIDADE:

Suely Lima.

É missionária em tempo integral da CEADEMA. É formada em História, Pedagogia e Teologia. Possui pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos (UNB), em Gestão Estratégica de Pessoas (FAI), e mestrado em Ciências da Educação (UFPI); tem experiência com o ensino universitário, gestão de instituições, gestão de pessoas e consultoria institucional. Atua no ministério com crianças desde 1992. Idealizadora da Secretaria de Evangelização e Discipulado de Pré-adolescentes e Crianças — SEDAC, onde, desde o ano de sua fundação, atua como Secretária Executiva. É coordenadora do Curso de Missões Transculturais — CMT, da Secretaria de Evangelismo e Missões Mundiais da AD em São Luís - MA. É coordenadora Regional-Nordeste do TMC Brasil para as Assembleias de Deus e do Fórum de Líderes de Missões das Assembleias de Deus do Nordeste, segmento Kids e da Mobilização NE para Cristo Kids. É escritora, comentarista de lições para o setor infantil (CPAD), compositora e palestrante. (98) 99214-2083

Contatos: profa.suelylima@gmail.com

Anotações

DA VISÃO À AÇÃO: MODELOS BÍBLICOS DE ESTRATÉGIAS MISSIONÁRIAS

Pr. Anderson Cavalcante

37

Introdução: A Urgência da Missão e a Relevância dos Modelos Bíblicos

A Grande Comissão, conforme expressa em Mateus 28:18-20, constitui o mandato perene da Igreja, um chamado inegociável para a propagação do Evangelho a todas as nações. Em um mundo em constante transformação, marcado por complexidades culturais, avanços tecnológicos e desafios sociais sem precedentes, a necessidade de estratégias missionárias eficazes e bíblicamente fundamentadas torna-se premente. A mera repetição de métodos passados, sem uma compreensão profunda dos princípios que os sustentaram, pode levar à ineficácia e à irrelevância.

A fim de compreendermos a importância de nos movermos da visão à ação, vamos explorar modelos bíblicos de estratégias missionárias, buscando traduzir princípios teológicos atemporais em metodologias práticas e acionáveis para o contexto contemporâneo. Nossa principal objetivo é extrair lições valiosas da vida e ministério de figuras como o apóstolo Paulo, da dinâmica da Igreja Primitiva em Atos, dos métodos de Jesus Cristo e da liderança de Neemias, a fim de informar, equipar e inspirar a prática missionária hoje. Ao examinar esses paradigmas, é possível discernir padrões divinamente inspirados que transcendem épocas e culturas, oferecendo um arcabouço sólido para o avanço do Reino de Deus.

1. O Modelo Paulino – Estratégias Adaptativas em Contextos Urbanos e Rurais (Atos 16-19)

Paulo, o Apóstolo dos Gentios, é reconhecido como um arquiteto missional por excelência. Suas viagens delineiam um padrão estratégico de evangelização que não era estático, mas dinamicamente adaptado aos diversos contextos culturais e geográficos que encontrava. A análise de suas ações em Atos 16-19 revela uma abordagem intencional e flexível.

1.1. O Foco Estratégico em Centros Urbanos

A análise das viagens missionárias de Paulo revela uma priorização consistente de cidades-chave, que eram centros de influência política, econômica e cultural no Império Romano. Em Filipos, uma importante colônia romana, ele lançou as bases da primeira igreja cristã na Europa, convertendo Lídia, uma comerciante influente, e sua família. A escolha de Filipos demonstra uma visão de longo alcance, visando estabelecer pontos de apoio em locais de grande circulação e influência.

Tessalônica, a capital da Macedônia, representava outro ponto estratégico crucial. Sua localização, banhada pelo mar Egeu e cortada pela Via Egnácia – uma das mais importantes estradas

que conectavam o ocidente ao oriente –, facilitava a propagação do Evangelho para outras regiões. A igreja plantada ali tornou-se um modelo para outras congregações, irradiando a mensagem de Cristo. Da mesma forma, Corinto e Éfeso eram grandes centros urbanos onde Paulo dedicou períodos significativos de seu ministério, pregando e consolidando comunidades cristãs.

A escolha de Paulo por cidades portuárias e capitais de província demonstra uma lógica geopolítica e de infraestrutura em sua abordagem missionária. Ao investir recursos e tempo na plantação de igrejas nessas metrópoles, ele estava, de fato, criando centros de irradiação que funcionariam como “hubs” missionários. Essas cidades, com sua densidade populacional, rotas comerciais e influência cultural, maximizavam o alcance do evangelho, permitindo que a mensagem se propagasse de forma mais eficiente para as áreas circundantes e além. Isso sugere que a missão contemporânea deve considerar a influência estratégica de certos locais ou grupos populacionais para um impacto mais amplo.

1.2. Adaptabilidade e Contextualização da Mensagem

A metodologia de Paulo não se limitava à escolha de locais, mas se estendia à sua abordagem evangelística. Frequentemente, ele iniciava sua pregação nas sinagogas judaicas, aproveitando a base comum das Escrituras e a presença de “tementes a Deus”. Quando a oposição judaica surgia, ele se voltava destemidamente para os gentios, demonstrando flexibilidade em seu público-alvo.

Um exemplo notável de sua adaptabilidade é visto em Atenas, no Areópago. Ali, Paulo demonstrou uma notável contextualização, citando poetas gregos e referindo-se ao “deus desconhecido” para introduzir o Evangelho de Cristo. Esta abordagem visava construir pontes culturais sem comprometer a verdade bíblica. Além disso, sua declaração de cidadania romana em momentos estra-

tégicos, como em Filipos (Atos 16:37) e Jerusalém (Atos 22:25-29), revela uma tática para garantir sua segurança e o avanço da missão.

A flexibilidade de Paulo em sua metodologia, desde a escolha do local de pregação até a linguagem e referências culturais, é um testemunho da importância da contextualização no evangelismo. Ele compreendia a cosmovisão de seu público – judeus, gregos, romanos – e apresentava a mensagem de Cristo de uma forma que ressoasse com suas perguntas e referências culturais, sem diluir o conteúdo teológico central. Isso é crucial para a missão contemporânea, que deve buscar a relevância cultural para que a mensagem seja compreendida e aceita, evitando tanto o sincretismo quanto a irrelevância. A contextualização é um ato de amor e sabedoria, buscando comunicar a verdade de forma inteligível, fazendo-se “tudo para todos” para ganhar alguns (1 Coríntios 9:20-23).

1.3. Estratégias em Áreas Menos Urbanizadas ou Rurais

Embora o foco principal de Paulo fosse urbano, suas viagens o levaram a cidades menores e vilas, como Derbe e Listra. A presença de Timóteo, um jovem discípulo de Listra, demonstra a penetração do evangelho em áreas que não eram os grandes centros. É notável que Paulo e Silas foram impedidos pelo Espírito Santo de pregar na província da Ásia e na Bitínia, sendo direcionados para a Macedônia através de uma visão. Isso sugere que a direção divina era primordial, mesmo que levasse a áreas inicialmente não planejadas.

A distinção entre “urbano” e “rural” na época de Paulo não era tão rígida quanto hoje, mas a estratégia de Paulo de alcançar os centros urbanos tinha um efeito cascata. As igrejas plantadas nas cidades tornavam-se centros de envio para as regiões adjacentes, incluindo vilas e áreas rurais. A evangelização em áreas rurais ou menos urbanizadas, embora menos explicitamente detalhada em termos de “estratégias distintas”

para Paulo, era um resultado natural da expansão a partir dos centros, muitas vezes impulsionada por novos convertidos e o movimento do Espírito.

2. A Dinâmica da Igreja Primitiva – Crescimento Orgânico e Planejamento Divino (Atos 2:42-47)

O livro de Atos não apenas narra o surgimento da Igreja, mas também descreve os elementos essenciais que impulsionaram seu notável crescimento. Atos 2:42-47 serve como um modelo fundamental para a vitalidade e expansão da comunidade cristã, revelando um crescimento que era predominantemente orgânico, mas não desprovido de intencionalidade.

2.1. Os Pilares do Crescimento Orgânico

A Igreja Primitiva se dedicava “de coração” a quatro pilares fundamentais, que formavam a espinha dorsal de sua vida comunitária e impulsionavam sua expansão: o ensino dos apóstolos, a comunhão, o partir do pão e a oração.

O **ensino dos apóstolos** era central. A fiel pregação e meditação na Palavra de Deus fortaleciam a fé pessoal dos crentes e os capacitavam, tornando-os “líderes em potencial” que futuramente contribuiriam para o crescimento da igreja. A ênfase não era em qualquer ensino, mas na doutrina apostólica, tornando a Palavra de Deus o plano central na vida da comunidade.

A **comunhão (koinonia)** era caracterizada por uma unidade profunda, afeto e um notável compartilhamento de bens, onde as necessidades de cada irmão eram supridas. A igreja funcionava como uma verdadeira família, onde os membros se viam como irmãos e cooperavam para auxiliar os apóstolos. Essa autenticidade de comunhão criava um ambiente que atraía observadores externos.

O **partir do pão** era uma prática contínua de adoração e lembrança da morte de Cristo, realizada nos lares com grande alegria e generosidade. Essa prática não era apenas um rito, mas uma ex-

pressão da vida compartilhada e da memória de Jesus, a ser transmitida às futuras gerações.

Finalmente, a **oração** era uma prática zelosa e perseverante, reconhecida como um vetor vital para o crescimento da igreja. A igreja primitiva não apenas tinha fé na oração, mas de fato orava, demonstrando que a oração e a pregação no poder do Espírito Santo eram instrumentos para um crescimento saudável.

Esses elementos não eram meras atividades isoladas, mas a expressão de uma vida comunitária vibrante, impulsionada pelo Espírito Santo, que gerava um testemunho poderoso e atraía novos convertidos. A qualidade da vida comunitária da Igreja Primitiva era, em si mesma, uma poderosa estratégia evangelística. A autenticidade de sua comunhão, o amor mútuo e a visível manifestação do Espírito Santo (Atos 2:43 menciona “maravilhas e sinais”) criavam um ambiente que naturalmente convidava outros à fé, validando a mensagem proclamada. Isso significa que a missão não é apenas o que a igreja *faz* externamente, mas também o que ela é internamente.

2.2. A Soberania Divina no Crescimento

O crescimento numérico da Igreja Primitiva é explicitamente atribuído ao Senhor: “E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar”. Isso enfatiza que, embora a igreja seja responsável por plantar e regar, é Deus quem dá o crescimento (1 Coríntios 3:6-8). A pregação do Evangelho e a ação do Espírito Santo são os principais vetores do crescimento. O crescimento orgânico é, portanto, uma manifestação da misericórdia e soberania divinas, e um reflexo da saúde espiritual da igreja.

O crescimento da Igreja Primitiva não foi um fenômeno passivo, mas uma sinergia ativa entre a soberania divina e a responsabilidade humana. Deus é o agente do crescimento, mas Ele opera através da fidelidade e intencionalidade da comunidade. O “orgânico” não significa ausência de estrutura ou dedicação, mas sim que

o crescimento é um resultado natural de uma igreja saudável, que prioriza a Palavra, o relacionamento e a oração. O planejamento, portanto, deve ser visto como intencionalidade para a fidelidade, não como manipulação de resultados.

2.3. O Equilíbrio entre Crescimento Orgânico e Planejamento Implícito

Embora o crescimento seja descrito como “orgânico” e “teocêntrico”, há evidências de organização e intencionalidade na Igreja Primitiva. A “visão mundial” de Jesus (Atos 1:8) já estabelecia a amplitude do plano de Deus para missões, que não se limitaria a Jerusalém, mas se estenderia a todas as partes da terra.

A instituição do diaconato em Atos 6 foi uma forma de planejamento e estruturação para suprir necessidades práticas da comunidade e liberar os apóstolos para a oração e pregação da Palavra. A transmissão do “partir do pão” às futuras gerações também indica uma intencionalidade na preservação das doutrinas e práticas. O “planejamento” na Igreja Primitiva não era focado em metas numéricas ou campanhas de marketing, mas na fidelidade aos ensinamentos apostólicos e na organização para a eficácia da missão e do cuidado mútuo. O crescimento era uma consequência natural da obediência e da vida no Espírito, e não um fim em si mesmo.

3. Os Métodos de Jesus – Um Paradigma para a Missão Contemporânea

Jesus Cristo é o modelo supremo para a missão. Seus métodos de evangelismo e discipulado, embora realizados em um contexto específico, contêm princípios universais que continuam a informar e desafiar as abordagens missionárias contemporâneas.

3.1. As Estratégias de Evangelismo e Ensino de Jesus

O ministério de Jesus era intrinsecamente encarnacional e holístico. Ele não apenas proclamava o Reino, mas o demonstrava ativamente através do cui-

dado com as necessidades humanas e da identificação com os marginalizados. A abordagem de Jesus se caracterizava por **relacionamento e atendimento de necessidades**. Ele se aproximava das pessoas com simpatia, atendendo às suas necessidades físicas, emocionais e espirituais antes de convidá-las a seguir-Lo. O exemplo da mulher samaritana ilustra uma abordagem espontânea que começa com uma necessidade básica e evolui para um diálogo espiritual profundo. Seu ministério focava nos “desvalidos da sociedade: pobres, pecadores, viúvas, prostitutas”. Isso significa que a missão eficaz hoje não pode ser puramente verbal ou programática; ela exige a presença tangível e compassiva da Igreja na vida das pessoas, vivendo o Evangelho antes mesmo de pregá-lo. A ação social e o serviço não são meros “ganchos” para a evangelização, mas expressões autênticas do amor de Cristo e da realidade do Seu Reino.

Em seu **ensino contextualizado e transformador**, Jesus utilizava diversas técnicas: perguntas, histórias, parábolas, discussões, dramatizações e demonstrações. As parábolas, em particular, eram um método pedagógico peculiar que ajudava o povo a “descobrir a presença do Reino na vida” e a enxergar criticamente a realidade, usando exemplos do cotidiano local. Ele ensinava multidões, grupos e indivíduos em variados locais, como templos, sinagogas, casas, praças e estradas.

Os **milagres como sinais do Reino** eram parte integrante de Sua estratégia. Os milagres de Jesus não eram apenas demonstrações de poder, mas “sinais extraordinários” que revelavam Sua identidade divina, compaixão e autoridade, convidando à fé. Eles validavam Sua mensagem e demonstravam a realidade do Reino de Deus.

Finalmente, o **discipulado e multiplicação** eram centrais. Jesus investiu profundamente em um pequeno grupo de discípulos, ensinando-os a “manter o foco no serviço a Deus e no Reino”. Ele os enviou para pregar o evangelho, instruindo-os sobre como agir. O “primeiro

impulso de um coração regenerado é levar outros também ao Salvador", indicando que a verdadeira conversão gera o desejo de compartilhar a mensagem. O método central de Jesus para a expansão do Reino não foi a pregação em massa isolada, mas o discipulado intencional que leva à multiplicação. Ele investiu profundamente em poucos para que estes, por sua vez, pudessem reproduzir a vida e a missão de Cristo em outros. Isso sugere que a eficácia missionária contemporânea reside menos na escala de eventos e mais na profundidade do discipulado que capacita cada crente a ser um agente missionário, gerando um movimento orgânico de multiplicação de discípulos e igrejas. A missão é responsabilidade de todos os cristãos.

Os métodos de Jesus eram holísticos, relacionais e profundamente enraizados na realidade humana, visando a transformação integral do indivíduo e da sociedade.

3.2. Estudo Comparativo com Abordagens Missionárias Contemporâneas

As estratégias de Jesus não são obsoletas, mas servem como um fundamento perene sobre o qual as abordagens contemporâneas devem ser construídas e avaliadas. A **missão holística** contemporânea, que busca equilibrar testemunho na vida, palavras e ações, encontra eco na abordagem de Jesus que integrava pregação e ação social (atendimento de necessidades, milagres).

A **contextualização** é outro ponto de convergência. A capacidade de Jesus de se conectar com diferentes pessoas e culturas (como a mulher samaritana) é um paralelo direto com o evangelismo contextualizado atual, que busca transmitir a mensagem de forma relevante e significativa para as realidades culturais específicas.

O modelo de Jesus de fazer discípulos e enviá-los para reproduzir é a base para os **movimentos de plantação de igrejas** e para as estratégias de multiplicação de discípulos hoje.

O foco de Jesus em alcançar os marginalizados e Sua interação pessoal, res-

soam com as estratégias de **missões urbanas contemporâneas**, que enfatizam a construção de relacionamentos autênticos e a presença encarnada da Igreja na vida das pessoas. Embora Jesus não tivesse tecnologia, Sua habilidade de usar os meios disponíveis (parábolas, conversas) para alcançar e ensinar o maior número de pessoas inspira o **uso de mídias e plataformas digitais** hoje para compartilhar o Evangelho.

4. Neemias 2 – Da Visão à Ação: Elaborando Mapas Missionários

41

A história de Neemias na reconstrução dos muros de Jerusalém (Neemias 2) é um estudo de caso exemplar de liderança visionária, planejamento estratégico e execução determinada. Seus princípios são altamente aplicáveis à elaboração de "mapas de ação" para projetos missionários contemporâneos.

4.1. Princípios de Liderança e Planejamento Estratégico em Neemias 2

Neemias oferece um modelo de liderança que integra fé profunda com pragmatismo estratégico, transformando uma visão em um projeto comunitário bem-sucedido. Sua jornada começou com uma **visão clara e angústia profunda** pela condição de Jerusalém, cujas muralhas estavam em ruínas. Essa visão não era apenas um sonho, mas uma resposta a uma realidade desoladora que afetava a segurança e a identidade do povo de Deus.

Antes de qualquer ação, Neemias dedicou-se à **oração persistente e dependência divina**, buscando a direção e o favor de Deus através de jejum e oração. Ele reconhecia que a "mão bondosa de Deus" estava sobre ele, o que era fundamental para o sucesso da missão.

Um passo crucial foi a **avaliação da realidade (inspeção secreta)**. Neemias realizou uma inspeção noturna e secreta das muralhas, avaliando a extensão do problema antes de apresentar qualquer plano. Isso demonstra a importância de um diagnóstico preciso e do conhecimento

mento aprofundado do campo antes de iniciar um projeto.

Em seguida, ele se dedicou ao **planejamento cuidadoso e detalhado**. Neemias planejou cuidadosamente os recursos, a logística e a distribuição de tarefas, utilizando sua experiência adquirida no serviço ao rei. Ele dividiu a “grande meta em tarefas pequenas” e promoveu a unidade, com o povo trabalhando “ao lado de” uns dos outros.

A comunicação da visão e mobilização do povo foi um elemento chave. Neemias comunicou a visão de forma inspiradora, mostrando ao povo como a “mão bondosa de Deus” estava com eles e como o Senhor estava à frente de tudo. Ele mobilizou o povo em torno de um objetivo comum, promovendo uma liderança participativa e unidade. A capacidade de Neemias de traduzir sua visão pessoal em uma visão compartilhada e inspiradora foi fundamental para mobilizar o povo. Não se tratava apenas de dar ordens, mas de infundir esperança e propósito, conectando a tarefa a um plano divino maior. Para a missão, isso significa que a liderança eficaz não apenas planeja, mas comunica a visão de forma que ela se torne propriedade coletiva, gerando um senso de urgência e propósito que transcende o mero cumprimento de tarefas e impulsiona a colaboração e a resiliência diante dos desafios.

Por fim, Neemias demonstrou **enfrentamento da oposição com fé e resiliência**. Ele enfrentou a oposição de Sambalate e Tobias com fé e determinação, sem se desviar de seu propósito. Neemias demonstra que a fé genuína e a dependência de Deus não anulam a necessidade de um planejamento meticoloso e pragmático. Pelo contrário, a oração informava e capacitava seu planejamento, e o planejamento cuidadoso era uma expressão de sua fé em um Deus que age através de meios humanos. Isso desafia a dicotomia comum entre “ser espiritual” e “ser estratégico” na missão. Um “mapa de ação” verdadeiramente bíblico integra a busca fervorosa pela direção divina com a diligência na avaliação, organização e execução, recon-

nhecendo que Deus abençoa o esforço humano quando este é feito em dependência d’Ele.

4.2. Elaboração de “Mapas de Ação” Baseados em Neemias 2 para a Missão

A história de Neemias oferece um *framework* dinâmico para a elaboração de “mapas de ação” missionários, integrando direção divina, liderança eficaz e engajamento comunitário.

Passo 1: Visão e Direção Divina (Oração e Jejum)

- Identificar a necessidade missionária específica (um povo, uma região, um problema social ou espiritual).
- Dedicar-se à oração e ao jejum, buscando a revelação e a direção de Deus para essa visão, como Neemias fez antes de agir.
- Verificar se a visão está alinhada com a Grande Comissão e o propósito de Deus para o avanço do Reino.

Passo 2: Avaliação e Diagnóstico (Inspeção da Realidade)

- Realizar uma pesquisa aprofundada sobre o contexto (cultural, social, espiritual, demográfico) da área missionária.
- Identificar barreiras, recursos disponíveis (humanos, financeiros, materiais) e pontos de entrada para o Evangelho, assim como Neemias inspecionou os muros em ruínas.

Passo 3: Planejamento Estratégico Detalhado

- Definir objetivos claros, mensuráveis, alcançáveis, relevantes e com prazo definido.
- Desenvolver um plano de ação passo a passo, incluindo alocação de recursos, cronogramas e responsabilidades específicas para cada membro da equipe ou parceiro.
- Considerar a contextualização da mensagem e dos métodos, inspirando-

-se na adaptabilidade de Paulo e nos métodos de Jesus.

Passo 4: Comunicação e Mobilização de Parceiros

- Articular a visão de forma apaixonada e convincente para levantar apoio e engajar a equipe, a igreja e outros parceiros.
- Promover a unidade e a colaboração, como Neemias mobilizou seu povo para trabalhar “ao lado de” uns dos outros, incentivando a participação de todos.

Passo 5: Execução, Resiliência e Adaptação

- Implementar o plano com determinação, diligência e trabalho árduo.
- Estar preparado para enfrentar oposição, críticas e desafios, mantendo a fé e a resiliência, sem se desviar do propósito.
- Monitorar o progresso, avaliar os resultados em relação aos objetivos e fazer ajustes conforme necessário, demonstrando flexibilidade e aprendizado contínuo.

Conclusão: Síntese dos Modelos Bíblicos para a Missão Integral

Os modelos bíblicos de estratégias missionárias, extraídos das narrativas de Paulo, da Igreja Primitiva, dos métodos de Jesus e da liderança de Neemias, oferecem um arcabouço robusto e atemporal para a missão integral. A análise nos revela que esses modelos não são isolados, mas se complementam, formando uma visão coesa e multifacetada para a propagação do Evangelho.

A adaptabilidade estratégica de Paulo em contextos urbanos e rurais demonstra a importância de uma abordagem contextualizada, que se faz “tudo para todos” para alcançar o maior número de pessoas, sem diluir a verdade do Evangelho. A lógica geopolítica de Paulo, ao focar em centros de irradiação

ção, é um testemunho da sabedoria em maximizar o impacto missionário.

O crescimento orgânico da Igreja Primitiva, impulsionado pela vida comunitária vibrante, pela dedicação ao ensino apostólico, à comunhão, ao partir do pão e à oração, sublinha que a saúde interna da igreja é, em si mesma, um poderoso testemunho evangelístico. A soberania divina no crescimento, que “acrescentava” os salvos, reforça que, embora a ação humana seja essencial, o poder transformador reside em Deus.

Os métodos holísticos e relacionais de Jesus Cristo estabelecem o paradigma supremo para a missão. Seu foco no atendimento de necessidades, no ensino contextualizado e no discipulado multiplicador, que capacita cada crente a ser um agente missionário, permanece como o fundamento para todas as abordagens contemporâneas. A missão é uma expressão encarnacional do Reino, onde a presença compassiva da Igreja valida a mensagem proclamada.

Finalmente, a liderança visionária e o planejamento diligente de Neemias fornecem um roteiro prático para transformar a visão em ação. Sua história ilustra a interdependência entre espiritualidade profunda e pragmatismo estratégico, mostrando que a fé genuína informa e capacita um planejamento meticoloso, resultando em mobilização coletiva e resiliência diante da oposição.

Em suma, a missão eficaz hoje exige a tradução contínua desses princípios teológicos em metodologias práticas e contextualizadas. É um chamado para que líderes e missionários sejam estrategistas como Paulo, comunitários como a Igreja Primitiva, relacionais e holísticos como Jesus, e planejadores determinados como Neemias. Acima de tudo, reitera-se a dependência essencial do poder e da direção do Espírito Santo, que capacitou os apóstolos e continua a impulsionar a missão de Deus no mundo (Atos 1:8). A missão é, em última análise, a obra de Deus, e a Igreja é convidada a ser Sua colaboradora fiel e eficaz.

Fontes de Pesquisa

BOSCH, David J. *Missão Transformadora*. 5. ed. São Paulo: Sinodal, 2002.

KELLER, Timothy. *Igreja Centrada*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

STOTT, John. *Atos: O Espírito Santo em Ação*. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 1994.

GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja*

Primitiva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

LOPES, Hernandes Dias. *Neemias: O Líder que Restaurou uma Nação*. São Paulo: Hagnos, 2013.

NICHOLLS, Bruce J. *Contextualização: Uma Teologia do Evangelho e Cultura*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

STETZER, Ed. *Plantando Igrejas Missionais*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

Anotações

44

OS LABORES PARA O CUMPRIMENTO DA VISÃO CELESTIA

Pr. Osiel Gomes

45

Em toda e qualquer missão, trabalho que exercemos ou desempenhamos, duas coisas são imprescindíveis: chamada e visão. Sem ambas, qualquer coisa se torna uma barreira intransponível, obstáculos, mas, com o coração dominado pela visão e chamado, o sucesso é certo, como diz Salomão: sem visão o povo perece (Pv 29.8). A chamada pastoral é a mola propulsora na vida doministro, pois, através dela, ele tem consciência de que nada vem de fora ou de influência humana, mas trata-se de um chamado celestial. Era esse tipo de chamada que fazia de Paulo um obreiro forte, resiliente, que enfrentava os labores da missão pastoral com afinco (At 26.29). O obreiro que é chamado por Deus não carrega uma visão sua; pelo contrário, segue a visão primeiramente de Deus, que o chama (Is 6.2-6). Em segundo lugar, essa visão envolve o plano de Deus revelado aos seus líderes, que, seguindo esse projeto divino, cooperam com a consciência de que não são donos nem criadores da obra (1 Co 3.9). Com essa consciência da chamada e visão, o obreiro labuta no ministério não como opção, mas como uma missão, ciente de suas prementes exigências e necessidades claras. Desde Moisés até Paulo, todos os servos de Deus desempenhavam essa missão em meio a desafios, dores, decepções, com fidelidade, ensinando, exortando e perseverando segundo o

chamado e a visão.

A leitura de Atos 20.17-38 há de servir para nós como paradigma, modelo de um homem, Paulo, que, em meio às lutas, dissabores, emoções, aflições, procurou proceder com fidelidade e verdade. Neste seu emocionante discurso, ele esclarece isso em tom de despedida aos anciãos de Éfeso, mostrando a cada um deles que jamais trabalhou firmado em algum pensamento seu, em uma intencionalidade ou percepção particular, mas que sempre, de modo irreduzível, seguia a visão do céu, que movia sua mente, coração e propósito. Quem é chamado pelo céu vive a política do mesmo. Os atrativos, as belezas desta vida não o comovem, mas prossegue com a visão de uma pátria melhor (Hb 11.14-16; Cl 3.2).

Servindo com humildade, lágrimas, tentações, ciladas segundo a visão celestial

Em muitas de suas cartas, Paulo sempre falou dos constantes desafios que enfrentava em seu ministério pastoral, mas, como o chamado e a visão do céu o dominavam, nada o desviava do foco, conforme se evidencia em 2 Co 11.16-33. Apesar dos labores que enfrentava, Paulo diz que servia com humildade, lágrimas e tentações, evidenciando que era um ministro cujo comportamento na obra envolvian humildade, isto é, não procu-

rava ser grande nem tampouco ter domínio sobre os demais (2 Co 1.24), mas servia com compaixão e sensibilidade, sempre voltando para o povo na mesma compaixão de Cristo (Mt 9.36). Atenemos à maneira que Paulo se portava:

α) **Humildade.** ταπεινοφροσύνη (*tapeinophrosýnē*): vem de *tapeinos* (baixo, modesto) + *phrēn* (mente). Significa literalmente: “humildade de mente”, “modéstia interior”, “disposição de considerar-se pequeno diante de Deus” (1 Pe 5.5). O líder que tem humildade tem um bom alicerce para sua autoridade espiritual; a sua vida nunca se abrirá para arrogância, orgulho, exaltação, pois quer sempre exaltar a Cristo.

β) **Lágrimas.** δακρύων (*dakryon*), ou seja, a expressão visível da dor interior, compaixão profunda ou intercessão sincera. Verdadeiros líderes espirituais que estão na obra se envolvem por completo, espiritualmente e emocionalmente; não são só técnicos, frios, mas se comovem, choram pelos perdidos, sentem a dor dos outros. Assim foi Jeremias, Jesus, Paulo (Lc 19.41; 1 Tm 1.4).

γ) **Tentações.** πειρασμοῖς (*peirasmois*): significa “prova, teste, tribulação ou tentação”, com o sentido de colocar à prova a fé ou a integridade de alguém (Tg 1.2). As tentações fazem parte do ministério pastoral; por vezes, elas são usadas por Deus para testar nosso caráter e revelar nossa fidelidade.

δ) **Ciladas.** ἐπιβουλή (*epiboulē*): literalmente “plano secreto para causar dano”, “conspiração”, “emboscada” ou armadilha contra alguém (Sl 119.85). Uma coisa que nunca vai faltar na vida do líder ou pastor são as ciladas; isso porque o ministro é sempre alvo de covardia, traições, armadilhas, tramas. Por isso, ele precisa sempre estar em oração e vigilância, dependendo constantemente de Cristo e de seus dons para não cair nas ciladas do maligno.

Dominado pela visão celestial, o líder ensina com coragem e integridade os labores do ministério

Como era possível, em meio ao turbi-

lhão de problemas, lutas, batalhas e desafios, Paulo ensinar e pregar com coragem, fidelidade e integridade? Tudo por causa do seu chamado e da visão que o dominava, bem como o comprometimento com a Palavra de Deus. O texto é claro em dizer que ele era fiel na transmissão da mensagem divina, pois, ciente do que era necessário para o crescimento do rebanho na vida espiritual, jamais deixou de omitir aquilo que fosse necessário para suas vidas. Esse deve ser o procedimento do pastor que tem o chamado e a visão do céu, mesmo que esteja em situação desconfortável, em meio a desafios, procura sempre falar a Palavra de Deus. Paulo deu esse conselho a Timóteo, pois, vendo os tempos difíceis que ele enfrentaria, o aconselhou anão ceder anada, nem ser levado pelos modismos, conveniências, nem procurar momentos confortáveis, mas ensinar aquilo que ele havia lhe transmitido (2 Tm 3.10-14).

Paulo procedia ensinando com coragem e verdade porque era consciente de que não era um editor da Palavra, mas sim um mensageiro. Procurava proclamar tudo, pois não objetivava agradar a alguém, mas àquele que havia alistado para a guerra (2 Tm 2.4). Paulo foi bem categórico aos irmãos da Galácia que não teria “outro Evangelho” para eles, posto que o que ele havia ensinado não era dele, mas sim de Deus, e sua visão não era agradar aos homens (Gl 1.10). Haverá dissabores constantes para líderes que não procuram pregar mensagens convenientes, que não buscam agradar ao sistema ou auditório, mas sim a Deus, entregando o recado de Deus, quer gostem ou não (Ez 2.5). Paulo não fugia da mensagem real do Evangelho, mas a testificava com prazer, porque sabia que somente Cristo tinha o poder para salvar (At 18.5; 2.38; Mc 1.1; Lc 24.47).

Dominado pela visão celestial, o líder segue adireção do Espírito Santo em meio aos labores ministeriais

Percebemos que Paulo era consciente, desde a sua chamada para o ministério, de que iria correr constantes perigos (At 9.15). Porém, cremos que ele aprende-

ra de seu grande Mestre, Jesus, o qual viveu neste mundo sem jamais buscar conforto ou segurança pessoal. Não era isso que lhe movia o coração, mas sim vidas (Mt 8.20).

Paulo não desenvolvia o seu ministério buscando segurança pessoal; antes, sua vida era dirigida pelo Espírito Santo de Deus. Dessa maneira, estava claro que ele não vivia seus planos próprios, mas sim os do Espírito Santo. Não seguia sua visão própria, mas a do Espírito Santo; não ia para onde queria, mas sim para onde o Espírito o mandava, ainda que não soubesse o que haveria de enfrentar (At 21.4,11; 1 Ts 3.3). Todos nós devemos estar conscientes de que o ministério não é uma zona de conforto, mas uma estrada de obediência.

Dominado pela visão celestial, o líder valoriza a missão mais do que a sua própria vida

Todo pastor ou salvo em Cristo que é chamado sabe que seu dever é amá-lo mais que tudo nesta vida (Mt 10.37); ele terá que enfrentar esses labores. Note que Paulo é categórico em dizer que, por causa de sua visão celestial, à qual jamais poderia ser desobediente, procura viver constantemente em prol da eternidade, de modo que Paulo não vivia com sentimento apegado a este mundo e seus prazeres, suas riquezas. O que ele queria acima de tudo, sob qualquer circunstância, era pregar o Evangelho de Cristo Jesus (At 20.24; 21.13; Rm 8.35; 2Co 4.16; 2Tm 4.7).

Era esse mesmo desejo que dominava o coração de cada discípulo de Cristo e, por não terem suas vidas como preciosas, morreram sem temer, priorizando a mensagem do Evangelho: Pedro – crucificado de cabeça para baixo em Roma. Tiago (irmão de João) – morto à espada por ordem de Herodes (Atos 12.2). André – crucificado em cruz em forma de “X”, pregando até o fim. Tomé – traspassado por lanças na Índia. Mateus – morto por espada na Etiópia. Tiago (filho de Alfeu) – apedrejado até a morte em Jerusalém. Bartolomeu – esfolado vivo e decapitado. Simão, o Zelote – serrado ao meio ou crucificado.

Judas Tadeu – morto à machadada. Filipe – enforcado. João – o único que morreu de morte natural, mas sofreu perseguição, foi lançado em óleo fervente e exilado em Patmos. Só podem proceder como os discípulos de Jesus e Paulo os ministros que verdadeiramente já morreram para si, pois é tão somente assim que podem viver para Cristo (2 Co 5.15).

Dominado pela visão celestial, o líder tem um verdadeiro zelo pelo rebanho, agindo como um vigia

Como não vive mais para si, mas sim para Cristo (2 Co 5.15), o obreiro que tem um chamado e uma visão do céu coloca em prioridade zelar pelo rebanho do Senhor, posto que o mesmo sabe do seu valor: custou o preço de sangue (1 Pe 1.18,19). O líder cuida primeiramente de sua vida espiritual (1Tm 4.16), mas coloca seus olhos como um vigia sobre o rebanho do Senhor, pois deseja que o mesmo esteja protegido, já que sabe que há de prestar contas deles (Hb 13.17).

Líderes chamados por Deus, ainda que enfrentando os labores da vida ministerial, sabem que sua missão é preocupar-se com a vida espiritual do rebanho, isto é, do povo de Deus. Esse trabalho é feito com dedicação, cuidado, perseverança, vigilância e amor. O verdadeiro pastor sempre cheira a ovelha, não somente a púlpito, biblioteca; sempre estará caminhando com o rebanho e se colocará em favor deles, mesmo quando muitos falharem. Foi assim que procedeu Moisés (Êx 32.10-14).

Dominado pela visão celestial, em meio aos labores ministeriais, o líder combate os lobos e defende a doutrina

Paulo era um líder espiritual e experiente. No meio ao qual vivia, sabia quem era o bom e o falso obreiro, aqueles que tinham tendência para as coisas boas ou ruins, razão pela qual alertou o jovem Timóteo acerca de alguns deles (2Tm 2.17,18; 2Tm 4.15). Ele sabia que, depois de sua partida, entrariam nomeio do rebanho lobos cruéis que não poupariam as ovelhas.

O rebanho sempre enfrentará oposi-

sições do lado de dentro e de fora, assim o pastor não pode ser apenas um cuidador da Igreja ou receber dela seus benefícios, mas deve ser um cuidador e defensor da mesma. É preciso estar consciente de que pastor que não protege as ovelhas permite que os lobos se banhem em sangue inocente.

Dominado pela visão celestial, o líder procura confiar na Palavra de Deus

48

Paulo era confiante no poder da Palavra, por isso a encomendou aos irmãos (At 20.32; Ef 1.8; Cl 1.12; Hb 9.15; 1Pe 1.4). Ele assim procedeu porque era consciente de que não podia estar constantemente presente com a Igreja. Assim, deixou aquela liderança e os demais irmãos nas mãos de Deus e no poder da Palavra. Isso é relevante para nós e nos ensina que líderes de verdades abem que não são donos do rebanho e que não de vem formar pessoas para estarem ao redor de si, para dependerem única e exclusivamente de sua liderança, mas sim de Deus e da Palavra. Quem

procede assim é totalmente um discípulo maduro.

Os líderes não permanecem sempre com a Igreja. Lutas, doenças, batalhas podem tirá-los de cena, por isso sua grande missão é pregar e ensinar a Palavra, pois, quando os mesmos partirem, a Palavra permanece, pois, em tudo, ela é suficiente.

Conclusão

Amados, saibam todos que líderes dominados pelo chamado, visão evocação celestial trabalham com humildade, fidelidade, coragem e desapego pessoal, procurando priorizar o rebanho de Deus, mantendo vigilância para com o mesmo e dando um destaque que fiel à Palavra, a qual sustenta e alimenta os crentes em todas as épocas. O líder com visão celestial faz o seu trabalho com lágrimas, em meio aos labores ministeriais, agindo com amor, sacrifício e fé, tudo isso porque é essa visão celestial que o constrange a proceder e agir assim: viver e morrer pelo Cristo que deu a vida.



A OBRA NÃO PODE PARAR!
CONTRIBUA COM MISSÕES
B.Brasil Ag.2972-6 C/C 35630-1
Pix: semadema10@gmail.com



WWW.SEMADEMA.COM.BR
E-mail.: semadema10@gmail.com
Fone e WhatsApp Business (98) 3245-6059



apoio:
 @semadema
 semadema
 @semadema.ma

